

#museu  
nacional  
vive



Amigos  
d'O Museu  
Associação Amigos  
do Museu Nacional



Série Livros Digital 18

# MUSEU NACIONAL

Panorama dos Acervos:  
passado, presente e futuro

Editora: Cristiana S. Serejo



Série Livros Digital 18

# MUSEU NACIONAL

Panorama dos Acervos:  
passado, presente e futuro

Editora: Cristiana S. Serejo

Rio de Janeiro, 2020



## MUSEU NACIONAL

**Diretor:** Alexander A. W. Kellner

**Vice-Diretora:** Cristiana S. Serejo

### Associação Amigos do Museu Nacional

**Presidente:** Luiz Fernando Dias Duarte

**Vice-Presidente:** José Perez Pombal Junior

### Comissão de Publicações do Museu Nacional

**Editor Geral:** Ulisses Caramaschi

**Capa, projeto gráfico e tratamento de imagens:** Maria Gabriela Fernandes Dias

**Museu Nacional** – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Quinta da Boa Vista, São Cristóvão

Rio de Janeiro, RJ, 20940-040



## Catálogo na fonte

M986 Museu Nacional: Panorama dos Acervos: Passado, Presente e Futuro

/ Editora: Cristiana Serejo. – Rio de Janeiro: Museu Nacional,

Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

Dados eletrônicos. – (Série Livro Digital ; 18 )

ISBN 978-65-5729-002-6

1. Museu Nacional (Brasil) – Catálogos e coleções. 2. Museus de história natural - Catálogos e coleções. I. Serejo, Cristiana. II. Museu Nacional (Brasil). III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. IV. Série.

CDD 500.1074

Leandra Pereira de Oliveira - CRB7 5497

# Sumário

Missão do Museu Nacional	4
Panorama geral dos acervos	6
<b>Acervos Bibliográficos</b>	<b>14</b>
Biblioteca Central	16
Biblioteca Francisca Keller	22
<b>Acervos Arquivísticos</b>	<b>28</b>
SEMEAR - Seção de Memória e Arquivo	30
CELIN - Centro de Documentação de Línguas Indígenas	36
<b>Acervos Histórico-Artísticos</b>	<b>42</b>
SEMU - Seção de Museologia	44
<b>Acervos Didático-Científicos</b>	<b>50</b>
SAE - Seção de Assitência ao Ensino	52
<b>Coleções Científicas Antropológicas</b>	<b>58</b>
Antropologia Biológica	60
Arqueologia	66
Etnologia e Etnografia	72
<b>Coleções Científicas Geologia e Paleontologia</b>	<b>78</b>
Geologia e Paleontologia	80
<b>Coleções Científicas Biológicas</b>	<b>86</b>
Botânica	88
Entomologia	94
Invertebrados	100
Vertebrados	106
<b>O que os acervos de História Natural do Museu Nacional podem nos dizer?</b>	<b>112</b>
<b>O British Council Brasil como parceiro</b>	<b>114</b>
<b>Palavra do diretor</b>	<b>116</b>
<b>Colaboradores</b>	<b>120</b>



## Missão do Museu Nacional

Como primeira instituição museológica e de pesquisa no Brasil, o Museu Nacional foi criado por decreto de D. João VI, em 6 de junho de 1818, nos seguintes termos:

“Querendo propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes do Reino do Brazil, que encerra em si milhares de objectos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em benefício do commércio, da indústria e das artes que muito desejo favorecer, como grandes mananciaes de riqueza: Hei por bem que nesta Côrte se estabeleça hum Museu Real, para onde passem, quanto antes, os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos logares; ficando tudo a cargo das pessoas que eu para o futuro nomear.”

Nos tempos atuais a missão do Museu Nacional foi traduzida nestas palavras:

“Descobrir e interpretar fenômenos do mundo natural e as culturas humanas, difundindo o seu conhecimento com base na realização de pesquisas, organização de coleções, formação de recursos humanos e educação científica, assim como atuar na preservação do patrimônio científico, histórico, natural e cultural para o benefício da sociedade.”

O Museu Nacional se iniciou portanto nos fins do Brasil colônia, quando a Casa Real portuguesa, juntamente com a sua comitiva científica, estiveram entre os primeiros a realizar coletas sistemáticas sobre a natureza brasileira e ficou clara a necessidade de um

espaço de guarda para os milhares de objetos trazidos de Lisboa e aqui adquiridos. Tais acervos foram centrais para o início do museu, conferindo-lhe sua identidade de Museu de História Natural e Antropologia, e assumindo papel fundamental nas atividades de pesquisa, educação e exposição ao público nos anos subsequentes. A ampliação, manutenção e gestão dos acervos é uma obrigação constante dos curadores e corpo técnico especializado da casa.

Ao longo do tempo a missão do Museu Nacional veio se moldando ao mundo moderno e às novas demandas da sociedade. O ICOM (*International Council of Museums*) e o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) são organizações-chave, que vêm contribuindo diretamente para a vida contemporânea dos museus e sua relação com a sociedade. Os museus ativam nossas memórias, nos conectam com o meio ambiente e com nossa sociedade, e nos lembram quem realmente somos como seres humanos e como seres sociais e quais são os nossos valores no tempo e no espaço. O novo Museu Nacional que queremos será de todos e para todos sem discriminação de classes sociais e etnias. Se conseguirmos despertar o sentimento de pertencimento e a identificação do povo brasileiro com a sua biodiversidade e cultura, estaremos cumprindo com o nosso papel.

Outro ponto chave a ser considerado é que o Museu Nacional, como integrante da UFRJ, além de realizar suas pesquisas e constituir suas coleções, forma recursos humanos nas áreas de Botânica, Zoologia, Geologia, Paleontologia, Arqueologia, Linguística e Antropologia Social. Com seis cursos de pós graduação *sensu stricto*, a Casa já formou ca. de 2.500 mestres e doutores desde 1968, ano da criação do primeiro curso.

No contexto atual – e após o terrível incêndio de 02 de setembro de 2018 – o Museu Nacional tem o grande desafio de se recompor e se reestruturar como um Museu de História Natural e Antropologia de referência nas Américas, com padrões modernos de sustentabilidade, segurança, acessibilidade, pesquisa, ensino e comunicação museal. Esse é o nosso propósito, essa é a nossa missão, o Museu Nacional Vive em todos nós!

**Cristiana Serejo**  
**Vice-diretora do Museu Nacional**  
**Diretora Adjunta de Coleções do MN**

# Panorama geral dos acervos

O Museu Nacional (MN) completou neste ano seu 202º aniversário e carrega consigo uma longa história de guarda de objetos histórico-artísticos, culturais, e de espécimes de história natural e artefatos antropológicos. Os primeiros acervos foram originários da Casa dos Pássaros, criada no final do século XVIII nos moldes dos gabinetes de curiosidades comuns à época. Já no século XIX, personagens ilustres da monarquia doaram e incentivaram a aquisição de coleções importantes e emblemáticas para a Casa. A coleção Werner de minerais foi trazida de Portugal pela comitiva real e é considerada a primeira coleção do Museu com registros oficiais. A Imperatriz Leopoldina, estudiosa das áreas de geologia e mineralogia, trouxe na comitiva nupcial uma missão científica cujos naturalistas muito contribuíram para o conhecimento do mundo natural no país. A Imperatriz Teresa Cristina trouxe em seu dote peças do Museu de Nápoles e fomentou a vinda de peças arqueológicas dos sítios cuja escavação patrocinara na Itália. O imperador



D. Pedro II (1825-1891) - Monarca que reinou no Brasil por 59 anos e foi o grande incentivador da ampliação dos acervos do MN no sec. XIX. Esse quadro, *O Retrato do Imperador*, óleo sobre tela, 2,20 x 1,64 m, do artista português Joaquim Augusto M. Guimarães estava no interior do palácio no dia do incêndio de 02/09/18.




Imperatriz Teresa Cristina (1822 - 1889)  
- Fomentou a vinda de importante acervo arqueológico da Itália para o MN.  
Artista: Modesto Brocos - Museu Nacional de Belas Artes buril, 12x8 cm



Charles Frederick Hartt (1840 - 1878)  
- Chefe da Comissão Geológica do Império (CGI - 1876-77). Em 1876 assumiu a Seção de Geologia do MN, onde todo o acervo da CGI foi depositado.

Pedro II, intelectual e colecionador nato, foi o maior incentivador do Museu durante seu reinado, com a aquisição de acervos bibliográficos, botânicos, arqueológicos, geológicos, incluindo a façanha da articulação da vinda do meteorito Bendegó da Bahia para o Museu em 1888. Além da Família Real, muitos outros personagens importantes contribuíram para a construção dos acervos do MN e para a pesquisa que garantiu seu prestígio junto aos círculos científicos, como Ludwig Riedel, que fundou em 1831 o Herbário do Museu; Francisco Freire Alemão, que dirigiu a Comissão Científica de Exploração em 1859; Charles Frederick Hartt, que comandou a Comissão Geológica do Império (entre 1876 e 1877), e Ladislau Netto, que fundou a revista *Archivos do Museu Nacional* (que, pela permuta, enriqueceu sobremaneira o acervo da Biblioteca) e que organizou, com materiais coletados sob sua supervisão, a Exposição Antropológica de 1882.



Coleção egípcia dos Imperadores D. Pedro I e D. Pedro II. Detalhe do rosto do caixão de SHA-AMUN-EN-SU. Tebas Ocidental, Egito Antigo, cerca de 750 a.C. Essa peça foi perdida no incêndio, contudo, pesquisadores do MN e colaboradores haviam realizado a tomografia computadorizada dessa peça, o que garante a visualização 3D para estudos futuros.

Em 1946 o Museu Nacional foi agregado à Universidade do Brasil. Quando esta se tornou a Universidade Federal do Rio de Janeiro, devido a Reforma Universitária ocorrida nos anos 1960, os departamentos foram criados e as coleções cresceram com novo alento graças à intensificação das linhas de pesquisa dos curadores impulsionados pela sucessiva criação dos seis programas de pós-graduação da Casa.

Em tempos atuais, o MN possui em seus registros 36 coleções/acervos de diferentes tipologias que somam cerca de 20 milhões de itens. É considerado um dos maiores e mais importantes acervos da América Latina. São 29 coleções científicas vinculadas a seis departamentos: Antropologia (DA - 4); Botânica (DB - 1); Entomologia (DE - 1); Geologia e Paleontologia (DGP - 10); Invertebrados (DI - 8) e Vertebrados (DV - 5). Além desses, os acervos arquivísticos do CELIN (Centro de Línguas Indígenas) e a Biblioteca Francisca Keller estão vinculados ao DA. Outros cinco acervos são vinculados à Direção, como a Biblioteca Central, o acervo didático-científico da Seção de Assistência ao Ensino (SAE), o acervo arquivístico da Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR), o acervo histórico-artístico da Seção de Museologia (SEMU) e o Cofre da Direção. Vale ressaltar

que o MN tem forte tradição na produção de conhecimento da biodiversidade e, para isso, os taxonomistas se valem da designação de material-tipo, considerado o espécime testemunho que carrega o nome da espécie por ocasião da publicação descritiva original; o que possui um alto valor científico. Ao todo, o MN possui cerca de 19.500 lotes e/ou espécimes de tipos primários e secundários.

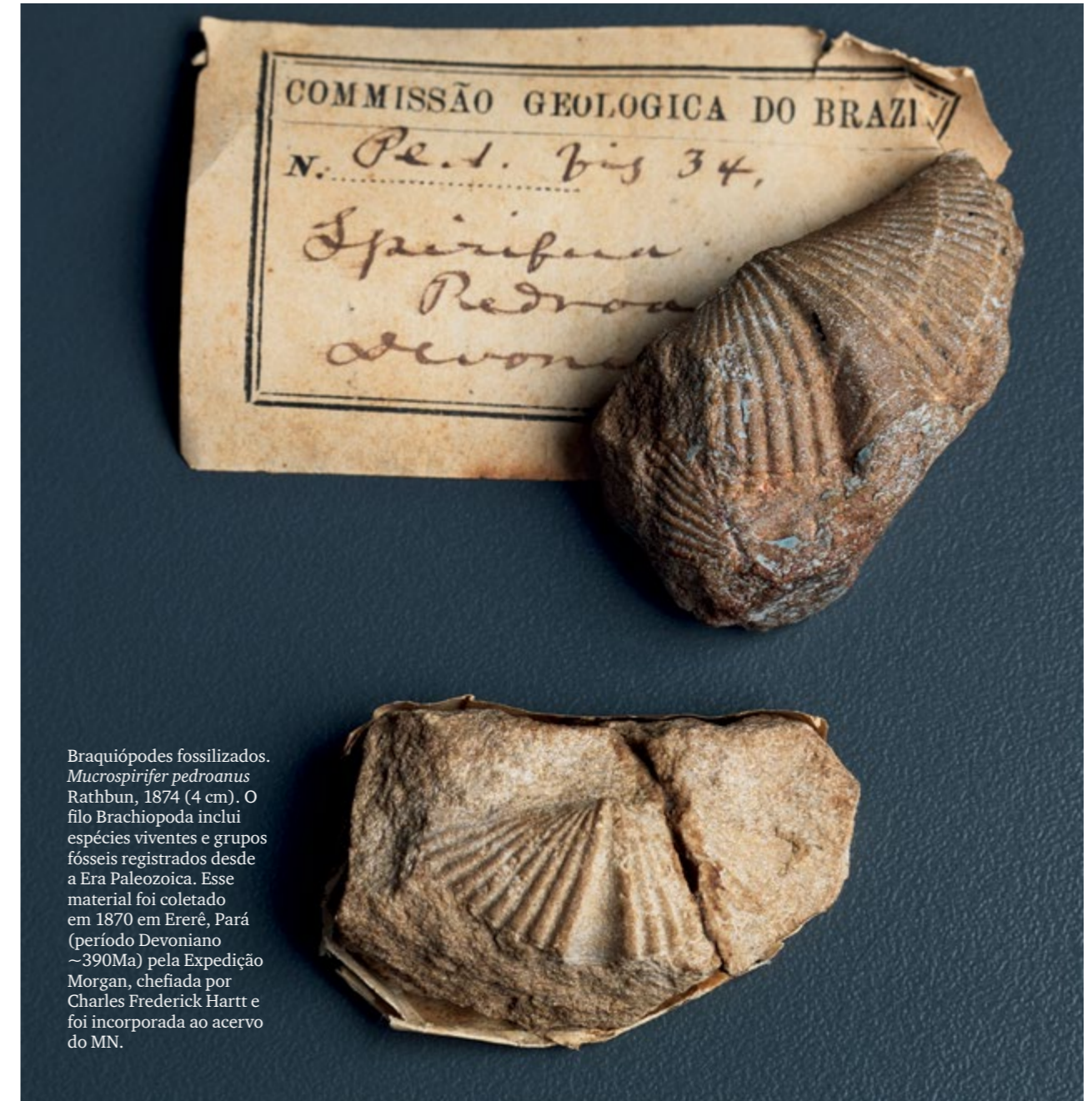
Com a tragédia do incêndio do Museu Nacional em 2 de setembro de 2018 cerca de 80% das coleções do MN foram afetadas ou perdidas fisicamente. Foi uma perda muito grave e duríssima para todos nós. Contudo, coleções inteiras foram preservadas nas áreas de botânica, de vertebrados, de alguns setores de invertebrados e de arqueologia. Uma equipe do Museu Nacional foi montada rapidamente e se iniciaram os trabalhos de resgate dos acervos do palácio, de onde cerca de 5.000 lotes e/ou peças foram retirados e catalogados. Acervos da geologia-paleontologia, arqueologia (em especial de cerâmica, ferro e ossos) e conchas do Filo Mollusca foram os que mais resistiram ao fogo. No momento está se iniciando a fase do inventário das peças. Em paralelo, os curadores e servidores envolvidos na curadoria de coleções vêm realizando esforços para a reconstituição dos acervos em várias

frentes. As pesquisas continuam e nem tudo está perdido! É importante frisar que a digitalização dos dados teve início já a partir da década de 1980, por meio de planilhas Excel e/ou de Programas de Gerenciamento de Coleções. Grande parte dos dados das coleções foi salva no formato digital. Esses dados incluem o nome do animal/objeto, localidade, identificador/qualificador, data e, em alguns casos, registros fotográficos e sonoros. A digitalização do acervo é essencial para uma gestão curatorial eficiente e permite extrapolar à sociedade o tamanho e a importância das coleções, perpetuando a informação para gerações futuras. Neste ano em que estamos vivendo uma pandemia sem precedentes pelo vírus COVID-19, o universo digital vem assumindo um papel ainda mais crucial para a sociedade como um todo.

Parte do acervo do MN pode ser acessado em bancos de dados abertos como o Sistema de Informações sobre a Biodiversidade Brasileira (<https://ipt.sibbr.gov.br/mnrj/>); o Global Biodiversity Facility (<https://www.gbif.org>) e o SpeciesLink (<http://splink.cria.org.br/>). Estamos trabalhando para ampliar e melhorar o fluxo de dados nessas plataformas e atualizar os dados no site do MN. Outra iniciativa pontual em disponibilização de dados online é o acesso aos holótipos de Cerambycidae (Hexapoda\_Coleoptera) <http://www.cerambycids.com/brazil/mnrj/>.



Taça-cofre "Batalha de Constantino" (ca. 1818) 24x13 cm; base 9x12 cm. Peça doada por D. João VI por ocasião da criação do Museu Real. Feita de prata dourada em estilo neoclássico ornada na parte superior com escultura em coral que representa a Batalha de Constantino.



Braquiópodes fossilizados. *Mucrospirifer pedroanus* Rathbun, 1874 (4 cm). O filo Brachiopoda inclui espécies viventes e grupos fósseis registrados desde a Era Paleozoica. Esse material foi coletado em 1870 em Ererê, Pará (período Devoniano ~390Ma) pela Expedição Morgan, chefiada por Charles Frederick Hartt e foi incorporada ao acervo do MN.



Afrescos de Pompeia, século I d.C. (1,48x0,46 m e 1,48x0,51 m). Par de afrescos provenientes do Templo de Isis, Pompeia, Itália. Ambos com temas marítimos, respectivamente grifo e dragão marinhos com corpo de serpente – ladeadas por dois golfinhos. Faz parte da Coleção Greco-Romana da Imperatriz Teresa Cristina composta originalmente por cerca de 770 peças arqueológicas. Parte deste acervo foi recuperado durante os trabalhos de resgate do MN (Foto pré-incêndio).



Ao longo deste livro o leitor vai poder conhecer melhor um pouco da história e a importância dos acervos do Museu Nacional em um contexto institucional. Grandes tragédias nos fazem refletir sobre o significado dos nossos tesouros e como melhor podemos preservá-los e compartilhá-los com a sociedade. Estamos trabalhando nessa direção com o planejamento de novos prédios de coleções com segurança e sustentabilidade, a serviço de uma política institucional de coleções que já está em curso. O Museu Nacional continua sendo uma Casa de fazer e divulgar ciência e cultura de excelência. Precisamos do apoio de todos neste momento de reconstrução!

**Cristiana Serejo**  
**Vice-diretora do Museu Nacional**  
**Diretora Adjunta de Coleções do MN**

Escultura feminina (sem cabeça), século V a.C, Veio, Itália (19x60 cm). Estatueta Kore de estilo arcaizante, possivelmente cópia da época romana. Mármore branco e pés em mármore rosa. Coleção Imperatriz Teresa Cristina.

# bibliotecas

acervo bibliográfico



# Biblioteca Central

Oficializada em 11 de julho de 1863 pelo aviso ministerial de Manoel de Araújo Lima, Marquês de Olinda, a Biblioteca Central (BC) é constituída por livros, folhetos, in-fólios, publicações seriadas, obras raras, e-books, materiais cartográficos e iconográficos, CDs e DVDs e teses e dissertações defendidas pelos



Ex libris da Comissão Científica de Exploração.  
Foto do Acervo da Biblioteca Central.

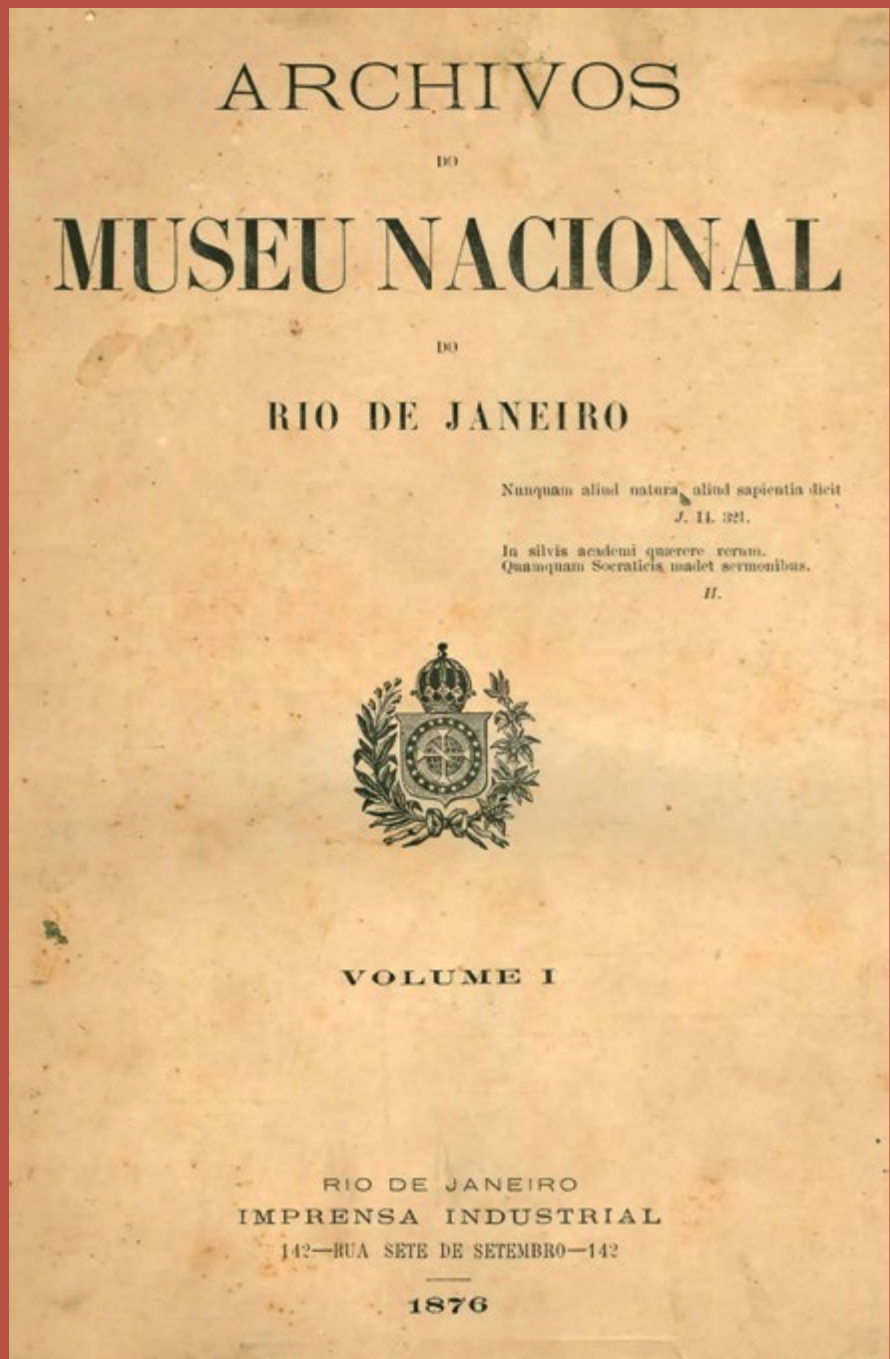
programas de pós-graduação da instituição. Ao todo, a BC contabilizou em 2019 aproximadamente 507.013 volumes, que estão disponíveis para consulta no catálogo online da UFRJ.

Especializada em obras de História Natural e Antropologia foi formada originalmente por materiais bibliográficos comprados para uso na Comissão Científica de Exploração. Em seu acervo apontam-se obras doadas por instituições e personalidades de destaque na história do Brasil e do mundo, tais como: José Bonifácio e Wilhelm Ludwig von Eschwege. Com a república, recebeu obras pertencentes à importante biblioteca do Imperador Dom Pedro II e grande incentivador da ciência e cultura no Brasil. Na coleção de obras raras, que inclui mais de 1.500 títulos, destacam-se a Torá, de 1300 e o incunábulo *Historia Naturale* de 1481, escrito por Plínio (O Velho), pela antiguidade e interesse cultural.

Em 1876, o Museu Nacional publica seu primeiro periódico, o Arquivos do Museu Nacional (AMN), e que está atualmente disponível *online*. Para a biblioteca, a partir da publicação AMN foi estabelecido oficialmente o programa de permuta de material e com isso o aumento considerável do acervo por meio do intercâmbio bibliográfico e que é mantido até os dias atuais.



Frontispício em *Locupletissimi rerum naturalium thesauri accurata descriptio, et iconibus artificiosissimis expressio, per Universam Physices Historiam*, de Albertus Seba, publicado entre 1734 e 1765. Foto: Acervo da Biblioteca Central.



O desenvolvimento do acervo vem ocorrendo através de compra de obras de espólio como os de Curt Nimuendajú, do notável antropólogo Luís Castro Faria, e principalmente com a doação de bibliotecas particulares de expoentes acadêmicos: Johann Becker, Wanderbild Duarte Barros, Lina Kneip, Ibsen Gusmão Câmara, Margarete Emmerich, Nilson José Soares Silva e entre outros.

A Biblioteca Central do Museu Nacional está localizada em prédio próprio desde 29 de agosto de 1989 no Horto Botânico da Quinta da Boa Vista e faz parte do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ (SiBI/UFRJ) desde o final dos anos 90. Oferece à comunidade diversos serviços, entre eles, a biblioteca digital de obras raras (BDOR). Para maiores informações visite a nossa página <http://www.museunacional.ufrj.br/biblioteca/>.

Folha de rosto do primeiro fascículo do periódico Arquivos do Museu Nacional, 1876. Foto: Acervo da Biblioteca Central.

Carimbo da Imperatriz Leopoldina no incunábulo de Historia Naturale, de Plínio (O Velho), edição de 1461. Foto: Acervo da Biblioteca Central.



Prancha - Trinkfest der Coroados em *Atlas zur Reise in Brasilien* de Spix e Martius, publicado entre 1823 e 1831. Foto: Acervo da Biblioteca Central.

## EQUIPE

**CHEFIA** ([biblioteca@mn.ufrj.br](mailto:biblioteca@mn.ufrj.br))

Leandra Pereira de Oliveira - Bibliotecária-Chefe  
Kamila Medeiros Pinto - Chefe-substituta

**COMUTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA** ([comut@mn.ufrj.br](mailto:comut@mn.ufrj.br))

Geni Alves Marinho - Assistente em administração

**DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES**

([intercambio@mn.ufrj.br](mailto:intercambio@mn.ufrj.br))

Leonardo Soares dos Santos de Santana -  
Bibliotecário

**MATERIAIS ESPECIAIS**

Ana Lúcia da Cunha Dias Pellegrino - Bibliotecária

**MONOGRAFIAS**

Mônica de Almeida Rocha - Bibliotecária  
Vânia Melo da Rocha de Jesus Alves - Bibliotecária

**OBRAS RARAS**

Edson Vargas da Silva - Bibliotecário

**PERIÓDICOS**

Danielle Silva dos Santos - Bibliotecária  
Giselly da Silva Soares - Bibliotecária

**SALA DE LEITURA** ([referencia@mn.ufrj.br](mailto:referencia@mn.ufrj.br))

Alexandre da Trindade Pinto -  
Auxiliar em administração  
Antonio Carlos Gomes de Lima -  
Assistente em administração  
Kamila Medeiros Pinto - Bibliotecária

**SECRETARIA ADMINISTRATIVA**

Dayse Eliane Braga da Silva -  
Técnica em secretariado

# Biblioteca Francisca Keller

A Biblioteca Francisca Keller (BFK) faz parte do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional/UFRJ. Antes do incêndio de setembro de 2018 que a destruiu completamente, era considerada uma das mais importantes bibliotecas de Ciências Sociais do Brasil e da América Latina, abrigando um inestimável acervo de cerca de 37.000 volumes, constituído desde sua fundação em 1968.

Após o incêndio, mobilizou-se uma grande rede de solidariedade envolvendo professores, técnicos, bibliotecários e estudantes da UFRJ e de outras instituições nacionais e internacionais para reerguer a BFK. Assim, foram iniciadas inúmeras ações como doações e transporte de livros, campanha de doação de recursos e elaboração de um projeto arquitetônico para acomodar a nova BFK.

Como perspectiva futura, este projeto foi desenvolvido pela arquiteta e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU/UFRJ) Marina Correia e estudantes de graduação, que se propõe a realizar uma intervenção arquitetônica e paisagística em um espaço de 350m<sup>2</sup>, localizado nas áreas internas do Prédio da Biblioteca Central e jardins do Horto Botânico.

O novo acervo da BFK terá como destaques as coleções dos seguintes doadores: Alba Zaluar (antropóloga), Antônio Barros de Castro (economista), Gilberto Velho (antropólogo), Clara Mafra (antropóloga), Maura Soares (médica), Richard Price e Sally Price (antropólogos), José Artur Rios (sociólogo), Terence Turner (antropólogo) e a coleção do Instituto Socioambiental.

Doação de livros da biblioteca pessoal de Richard e Sally Price.



Cerimônia de doação de livros para BFK.



Projeto arquitetônico para a nova Biblioteca Francisca Keller a ser construída no Horto Botânico do Museu Nacional.





Foto do Museu Nacional  
para campanha de  
recomposição da Biblioteca  
Francisca Keller - Livros  
Vivos no Museu  
(Foto: Carlos Fausto).

Além destas coleções, a BFK também recebeu inúmeras doações de editoras nacionais e internacionais, com destaque para as doações de mais de 20 editoras universitárias americanas. Com estas e outras doações, a BFK já recebeu mais de 18 mil livros para recompor o seu acervo.

#### **EQUIPE**

(bfkppgas@mn.ufrj.br)

#### **BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL**

Adriana da Silva Ornellas  
(ornellas@mn.ufrj.br)

#### **BIBLIOTECÁRIA**

Dulce Maranhã Paes de Carvalho  
(dulce@mn.ufrj.br)  
Soraia Santana Capello  
(soraia@mn.ujfr.br)

#### **AUXILIAR EM ADMINISTRAÇÃO**

Fernando Henrique de Almeida  
(fernando.henrique@ufrj.br)  
Marcio Miranda  
(miranda.marcio@mn.ufrj.br)

# arquivos

acervos arquivísticos



# SEMEAR

## Seção de Memória e Arquivo

A Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR), parte integrante do Museu Nacional/UFRJ, custodia a documentação histórica da instituição, que registra os primórdios da prática da ciência e propicia o entendimento da atividade científica desde as primeiras décadas do século XIX no Brasil. Antes do incêndio de 2018, seu acervo era composto de aproximadamente 3,5 milhões de itens, compreendendo 550 metros lineares de



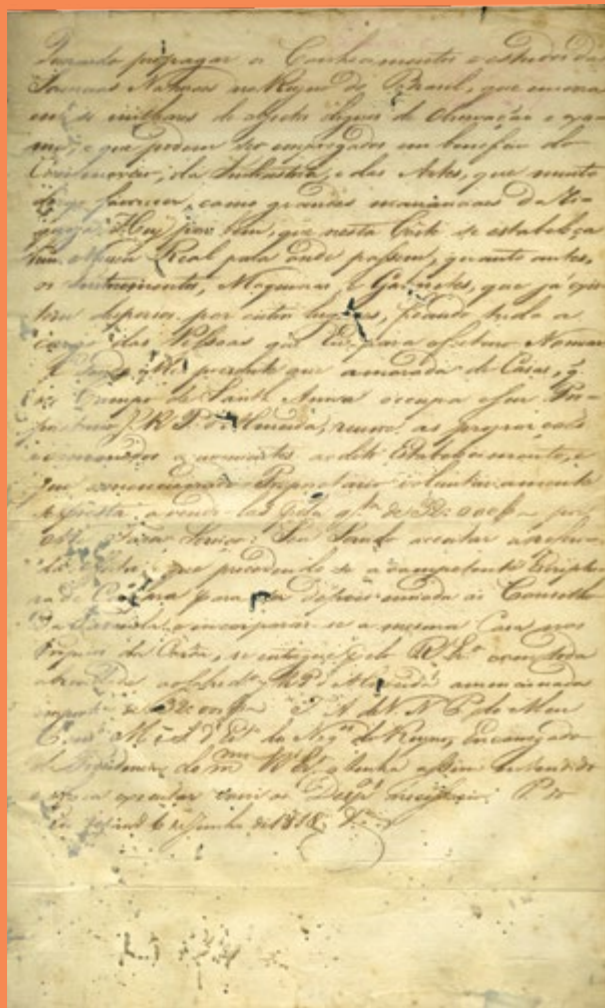
Bertha Lutz (1894 – 1976). Bióloga, sufragista e precursora do movimento feminista no Brasil. Professora emérita e especialista em anfíbios Anuros do Museu Nacional. O fundo Bertha Lutz perdido no incêndio de 02/09/18, foi considerado de forma inédita como Patrimônio Documental Perdido ou Desaparecido pelo Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da Unesco.

documentos textuais, cerca de 20 mil peças iconográficas distribuídas por 57 fundos arquivísticos, 416 itens entre mapas, quadros, desenhos e gravuras, 822 publicações (livros, teses e dissertações) e 70 objetos tridimensionais. Uma parcela deste patrimônio, mais exatamente a subsérie Avisos e Ofícios do Fundo Diretoria do período de 1810 a 1875 sobreviveu a partir de um processo prévio de microfilmagem. Dentre a documentação sinistrada, pode-se destacar o Decreto de criação do Museu Nacional, datado de 6 de junho de 1818 e assinado por D. João VI; o fundo Bertha Lutz, premiado pela UNESCO como Registro Nacional do Brasil de Patrimônio Documental Perdido ou Desaparecido; o fundo Imperatriz Leopoldina, integrado por 32 cadernos de estudos escritos em alemão gótico. Dois desses cadernos estão disponíveis na Biblioteca Digital de Obras Raras do Museu Nacional, que tem como objetivo digitalizar e disponibilizar *on line* para a sociedade o acervo de obras raras da Biblioteca do Museu Nacional (<http://www.museunacional.ufrj.br/obrasraras/>).

O acervo físico remanescente abrange documentos fotográficos e fitas magnéticas de vídeo que registram as variadas atividades da instituição. Existem ainda equipamentos cinematográficos e de laboratório fotográfico cuja datação se estende dos séculos XIX



Cartaz de divulgação da visitação do Museu Nacional desenhado por Helios Aristides Seelinger (1878-1965) pintor e desenhista brasileiro.



Decreto da criação do Museu Real (atual Museu Nacional) assinado pelo Rei D. João VI em 06 de junho de 1818.

ao XXI, testemunhando o investimento do Museu Nacional em atualização no campo da imagem. Esse material escapou do sinistro, visto que se encontrava armazenado no prédio da Biblioteca, no Horto Botânico. Além desse material, a documentação retirada dos escombros do Palácio passa por fases de estudos especializados no Brasil e no exterior que visem a resgatar, ainda que parcialmente, as informações nela contidas.

A SEMEAR participa do Programa de Iniciação Científica Júnior (PicJr), convênio entre o Museu Nacional e o Colégio Pedro II, e do Programa Jovens Talentos para Ciência (JT), mantido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ), além do Programa de Registro Único de Ações de Extensão (RUA), da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ. Os bolsistas destes projetos desenvolvem trabalhos de iniciação científica e extensão ligados a documentação arquivística histórica.



Prof. José Candido de Melo Carvalho (1914–1994), entomólogo e diretor do MN entre 1955–1961, ao centro de óculos recebendo o presidente da república Exmo. Sr. Juscelino Kubitschek (JK - 1902–1976), à direita de terno escuro, nas escadarias do Museu Nacional em 1958. JK foi o último presidente do Brasil a visitar o MN.



Na foto, da esquerda para a direita: Edison Carneiro, Raimundo Lopes da Cunha, Charles Walter Wagley, Heloísa Alberto Torres, Claude Levi Strauss, Ruth Landes, Luís de Castro Faria.

REFERÊNCIA: MUSEU NACIONAL (Brasil). Seção de Memória e Arquivo. Claude Levi-Strauss no Museu Nacional, no Jardim das Princesas.

Logo após o incêndio de 02 de setembro de 2018 a equipe da SEMEAR formou grupo de trabalho para o Resgate da Memória e Reconfiguração do Arquivo Histórico do Museu Nacional, em parceria com outras instituições como o Arquivo Nacional e a Fundação Oswaldo Cruz e IBICT. A equipe vem se empenhando na identificação e descrição primária do acervo digital através de contatos com inúmeros pesquisadores do Brasil e do exterior que foram atendidos em suas consultas à documentação, *in loco* ou a distância, objetivando a devolução de reproduções digitais da documentação fisicamente destruída. Os dados digitais dessas consultas vão ser compilados em um grande banco de dados para que parte do acervo valioso da SEMEAR esteja disponível novamente para a sociedade no formato digital.

## EQUIPE

### CHEFIA/BIBLIOTECÁRIA

Me. Ciência da Informação Maria das Graças Freitas Souza Filho  
(souzaf@mn.ufrj.br)

### HISTORIADOR

Dr. Gustavo Alves Cardoso Moreira  
(gacmoreirahistoria@mn.ufrj.br)

### ARQUIVISTA

Me. Gestão de Documentos e Arquivos  
Jorge Dias da Silva Júnior  
(jorgediasjr@mn.ufrj.br)

### COLABORDORA VOLUNTÁRIA

Dra. Maria José Veloso da Costa Santos  
(msantos1402@gmail.com)

### ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO

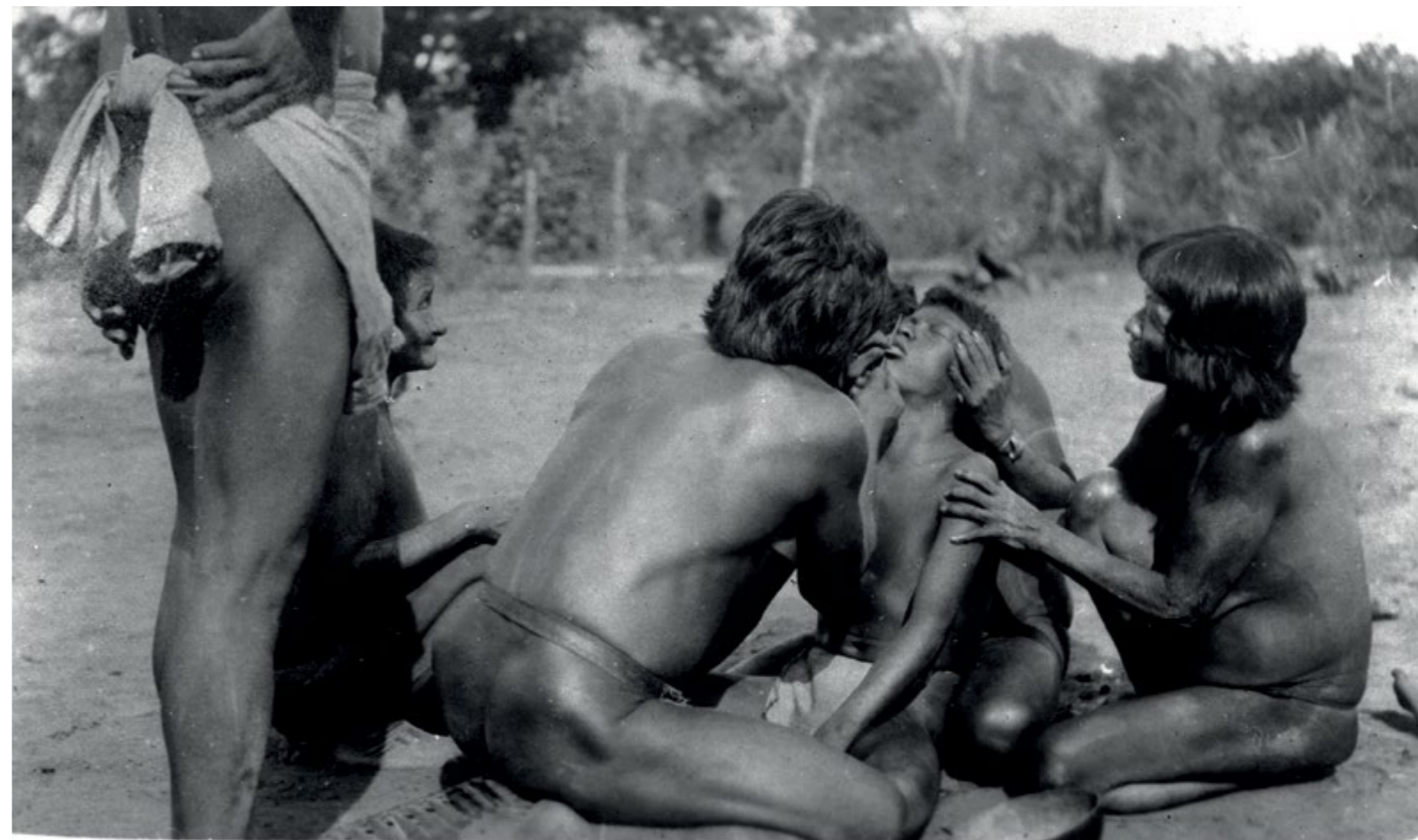
Ubirajara Queiroz Mendes

# CELIN

## Centro de Documentação de Línguas Indígenas

O Centro de Documentação de Línguas Indígenas–CELIN–MN/UFRJ é um centro especializado na documentação de materiais lingüísticos textuais e sonoros referentes a línguas indígenas e variedades do português do Brasil, com inclusão de material visual e, ainda, de produção bibliográfica associada à temática na qual o Centro é especializado. Localizado no Setor de Linguística, Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ, reúne materiais que precedem a própria criação do Setor de Linguística (em 1958). Passou a integrar, a partir de 2004 a Base Minerva do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ (SIBI - <https://www.sibi.ufrj.br/>). Todo o acervo do CELIN foi produzido por estudiosos vinculados às pesquisas sobre línguas indígenas no Brasil e no restante da América do Sul. Entre esses, destacam-se: Acervo Documental – reúne documentos, em sua maioria, relativos a dados primários e resultados de pesquisas sobre línguas indígenas das terras

baixas da América do Sul – vocabulários, formulários, análises fonéticas, fonológicas e gramaticais, transcrições fonéticas, transcrições ortográficas, documentos cartográficos. Esses documentos, que permitem um primeiro acesso de pesquisadores e alunos de pós-graduação a dados sobre línguas indígenas sul-americanas, em especial aquelas localizadas no Brasil, cobrem um conjunto amplo de línguas pertencentes a diferentes famílias e troncos lingüísticos. O Acervo Documental também abriga material didático voltado para línguas indígenas no Brasil e do mundo. Acervo Sonoro – constituído de fitas cassete, fitas de rolo e discos, além de CDs e DVDs, gravações digitais/digitalizadas, réplicas de produções com áudio de produção de fala – material esse que, também relativo a línguas indígenas sul-americanas, permite acesso direto de pesquisadores a dados primários dessas línguas. Os materiais sonoros incluem discursos narrativos, entrevistas/depoimentos em língua indígena, cantos, parte sonora de vocabulários e formulários referentes a línguas indígenas e, ainda, material sonoro correspondente a português de contato e português indígena. Acervo Imagético – reúne materiais iconográficos, com destaque para materiais fotográficos, vídeos/filmes voltados para grupos indígenas brasileiros. O acervo imagético possui alta relevância para o desencadeamento e o registro de produções



A27 0002

**A perfuração do lábio**

683059

Arquivo fotográfico Curt Nimuendajú  
Centro de Documentação de Línguas Indígenas - CELIN  
Museu Nacional / UFRJ



CB-AB17-0004

**Feira em frente à igreja**

691582

Arquivo fotográfico Curt Nimuendajú  
Centro de Documentação de Línguas Indígenas - CELIN  
Museu Nacional / UFRJ

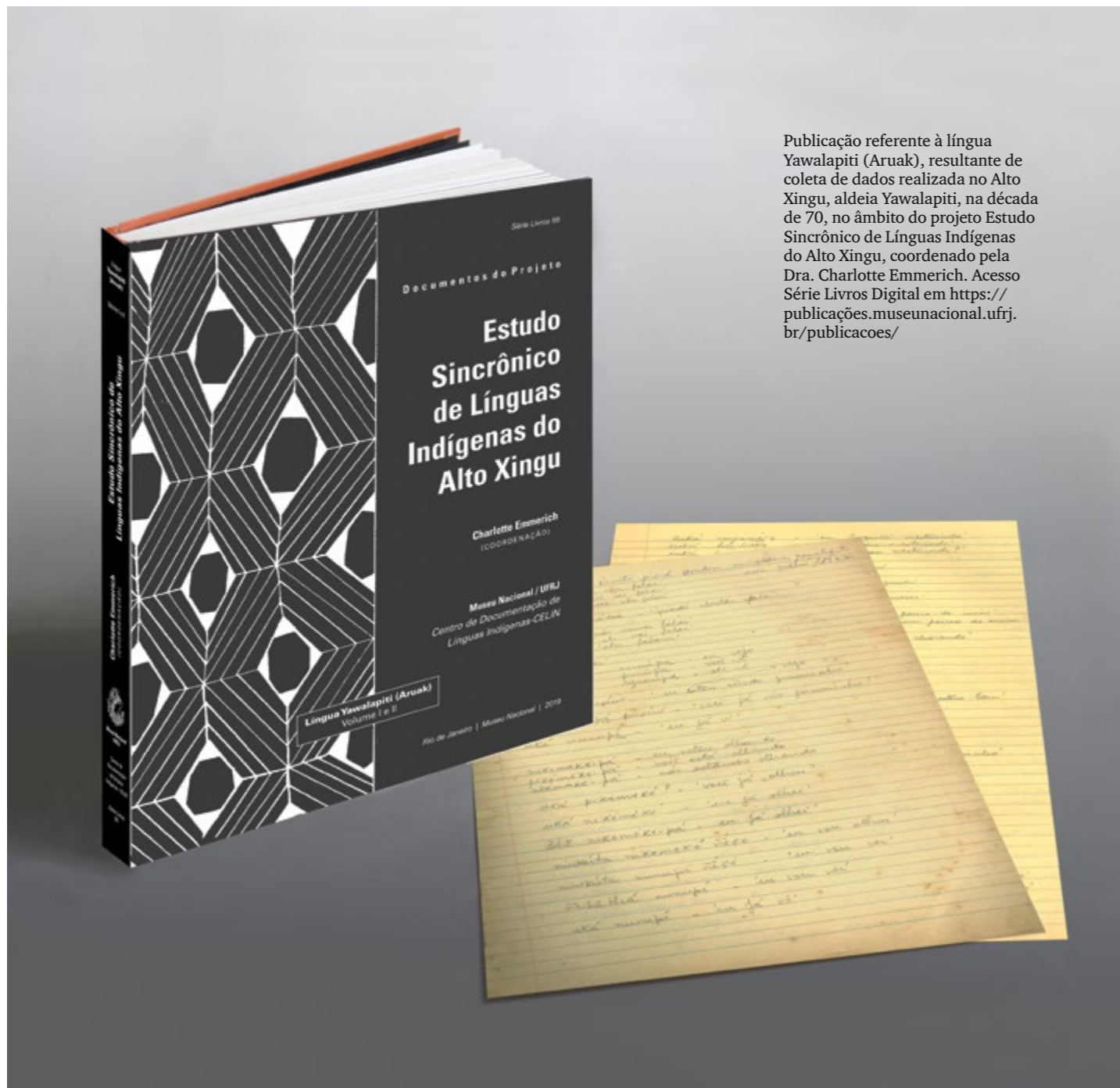
lingüísticas por parte de falantes nativos de línguas indígenas, além de exercer um papel fundamental em processos de revitalização e retomada linguística. Como todo Centro de Documentação, a marca distintiva do CELIN se materializa através da diversidade do material reunido e da especialização temática, marca essa visível em suas atividades referenciadoras. E, como lugar de memória, não é apenas um local de guarda, caracterizando-se, principalmente, como local organizador de fundos documentais e como pólo de produção de conhecimento e disseminação de informação sobre línguas indígenas e suas variedades linguísticas.

Total de materiais inventariados em momento precedente ao incêndio: **11.093**. Quantitativo de material arquivístico ainda não indexado e digitalizado em base da UFRJ: **5.000**, que inclui o acervo Yonne Leite e de outros pesquisadores, gravações originais de línguas indígenas e fotos. Total estimado: **16.093 itens**. Na situação pós-incêndio encontram-se recuperados digitalmente, aproximadamente 600 itens relativos ao acervo imagético. Vários itens referentes ao acervo documental foram recuperados digitalmente por meio da investigação do circuito de usuários, havendo ainda itens relativos ao acervo documental e ao acervo sonoro que não foram afetados pelo incêndio por estarem guardados fora

do Palácio. Até o momento, cerca de 6.000 exemplares entre livros e periódicos foram doados ao CELIN.

### **Línguas/ variedades linguísticas com registro na Base Minerva: acima de 190**

*Achagua, Akroá-mirim (Acroa Mirim), Aguaruna, Akuntsú, Amanayé, Apiaká, Apinajé, Aponegicram, Arara, Araribá, Arawak, Araweté, Arikém, Asheninca, Asuriní, Atroari, Ava-Canoeiro, Awetí, Aymara, Bakairi, Baniwa, Barasana, Baré, Betoya, Bororo, Botocudo, Bugre<sup>(\*)</sup>, Kayapó (Caiapó), Camaça, Kanamari (Canamari), Canela, Capanahua, Karajá (Carajá), Carapaná, Cáua-Tapuya, Kaxinawa/Kaxinawá (Caxinauá), Chaná, Chapakúra (Txapakúra), Xakriabá (Chacriabá), Chiquitano, Cinta-Larga, Coeruna, Colorado, Conibo, Corina-Jamamadi, Coton, Cotoxó, Cuicas, Culina, Deni, Desano, Enimaga, Fulniô, Galibi, Gavião-Jê, Gavião-Pykobjê, Geicó, Guajá, Guajajara, Guaná, Guaque, Guarani, Guaranoca, Guarayo, Guató, Hixkaryana, Huichol, Hupdá, Ikpeng, Ingain, Ingarikó, Jamamadi, Jaminawa, Jarawara, Javaé, Jeoromixi (Jabuti), Juruna, Kabisí, Kadiwéu, Kagwahiva, Kaingang, Kaiowá, Kamaiurá, Kanoê, Karani, Karipuna, Kariri, Kateye, Katukina, Kaxuyâna, Kayabi, Kiriri, Kokama, Kraô, Krapímkateye, Krenak, Kre-Yé, Kuikuro, Kuníba, Kwaza, Macarú, Makiré, Maku, Makuxi, Malali, Mamainde, Manitenéri, Marawá, Marubo, Masacará, Mascóy, Matipu, Matis, Mbyá Guarani, Mebengokre, Meniens, Mochica, Moré, Motilon,*



Publicação referente à língua Yawalapiti (Aruak), resultante de coleta de dados realizada no Alto Xingu, aldeia Yawalapiti, na década de 70, no âmbito do projeto Estudo Sincrônico de Línguas Indígenas do Alto Xingu, coordenado pela Dra. Charlotte Emmerich. Acesso Série Livros Digital em <https://publicacoes.museunacional.ufrj.br/publicacoes/>

*Mundurukú, Mura-Pirahã, Myky, Nadeb, Nahuatl, Naknyanúk, Nambikwára, Nhandéva, Oiampi, Orejón, Palikur, Panara, Pareci, Parintintim, Pataxó, Pauatê, Paumari, Pirahã, Piratapuia, Piro, Puinave, Pukóbye, Puri, Puruborá, Quechua, Ramkokamekra, Rikbaktsa, Sabuja, Saluma, Sateré-Mawé, Shanenawa, Shipibo-Konibo, Suruí, Tamanaca, Tapirapé, Tapuya, Taurepáng, Tembê, Tenetehára, Terena, Ticuna (Tikuna), Timbira, Tiryó, Toba, Toba-Batak, Torá, Trumai, Tupari, [línguas da família ]Tupi-Guarani, Tupinambá, Turiwára, Tuyuca, Umutina, Urubu-Kaapor, Urupá, Waimiri-Atroari, Waiwai, Wapixana, Warao, Warau, Wari-More, Wayana, Wayoró, Witoto, Xakriabá, Xavante, Xerente, Xetá, Xokleng, Yagua, Yanomami, Yaqui, Yawalapiti, Zamuco.*

(\*) Vocabulário da língua Bugre, datado de 1852.

## EQUIPE

### CURADORA/COORDENADORA

Profa. Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares  
(marilia@mn.ufrj.br)

### BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL

Lourdes Cristina Araujo Coimbra  
(crisac@gmail.com)

### ARQUIVISTA

Catia Conceição Figueiredo da Rocha  
(catia.cfr@hotmail.com)

# **musseologia**

acervos histórico-artísticos



# SEMU

## Seção de Museologia

A Seção de Museologia (SEMU) tem por objetivos planejar, montar e preservar as exposições de longa duração, temporárias e itinerantes do Museu Nacional. Deve ainda propiciar e monitorar as condições adequadas à conservação do acervo museológico apresentado nas exposições, oriundo das diversas coleções departamentais. A Museologia, atendendo ao Programa de Revitalização do Museu Nacional, vinha desenvolvendo, até o incêndio de 2018, em parceria com os departamentos, projetos expositivos com o apoio da Petrobras, Banco do Brasil, Fundação Vítas, CNPq e Caixa Cultural. À época, a Museologia mantinha sob sua guarda, no circuito expositivo, cerca de 5 mil itens representativos das seguintes coleções: Egito Antigo, Culturas mediterrâneas e Pré-colombianas, Caçadores e Coletores, Luzia (A mulher mais antiga do Brasil), Etnologia Indígena, Paleontologia, Culturas Karajá e Afro-brasileiras, Invertebrados e Entomologia, entre outras.



Placa com o perfil do cientista Dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801 – 1880), previamente localizada na escadaria principal do palácio do Museu Nacional. Considerado pai da paleontologia brasileira, Peter Lund fez importantes descobertas sobre a fauna pleistocênica na região de Lagoa Santa (MG), assim como de remanescentes humanos de populações pré-históricas da mesma região.



Detalhe da porta de entrada do Museu Nacional em ferro com o símbolo de D Pedro II – Exposição Museu Nacional Vive – Arqueologia do Resgate, Centro Cultural Banco do Brasil, 02/2019 (Foto: Cristiana Serejo)

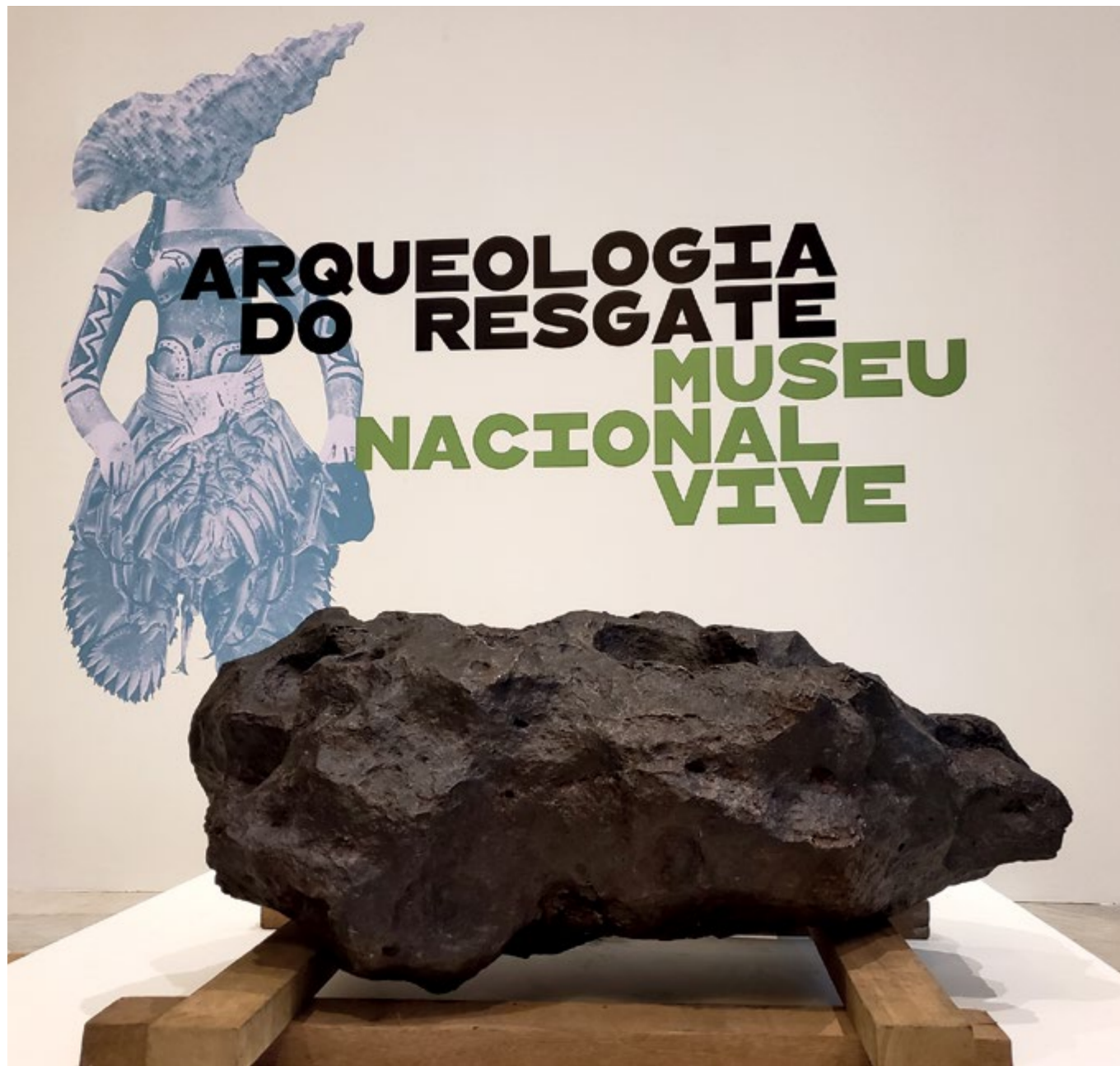


A Museologia mantinha ainda o acervo (painéis, réplicas e peças originais sem número de tombo) de *Tesouros do Museu Nacional*, exposição itinerante planejada pelo SEMU e montada com recursos de CNPq e FAPERJ. Além disso, a Museologia era também responsável pela gestão, conservação e acondicionamento das coleções histórico-artísticas, constituídas por: mobiliário histórico; objetos diversos, como a taça-cofre doada por D. João VI e a *châtelaine* de D. Pedro II, entre outros; acervos representativos da história da produção científica do Museu, como instrumentos do século XIX (o canhão de luz, o clinômetro, microscópios, balanças, mesas de laboratório); elementos, esculturas e ornamentos arquitetônicos oriundos do Palácio e outros objetos; e, ainda, um acervo iconográfico, de grande valor documental, composto de gravuras, aquarelas, pinturas a óleo de artistas, como Taunay, Portinari, Décio Villares, Dimitri Ismailovitch, Henrique Bernadelli, Rugendas e outros.

À época do incêndio, a Museologia vinha realizando um minucioso trabalho de inventário, fotografia e documentação desses acervos, complementando o catálogo *Levantamento Histórico e Artístico*, elaborado pela Historiadora de Arte, Zuzana Paternostro, durante a gestão da Diretora Leda Dau (1980-82). Graças a esses testemunhos documentais e iconográficos,

a coleção pode hoje ser acessada por meio digital, permitindo a identificação de peças remanescentes do incêndio e a reconstituição em 3D de algumas peças mais significativas do acervo histórico-artístico do Museu Nacional. Em 2019, não obstante as dificuldades consequentes do incêndio, a Museologia organizou e montou, com acervo remanescente do Museu ou peças resgatadas do incêndio, seis exposições em espaços cedidos por outras instituições: 1. *Quando Nem Tudo Era Gelo: Novas descobertas no Continente Antártico* (Centro Cultural Museu da Casa da Moeda, RJ); 2. *Arqueologia do Resgate* (Centro Cultural Banco do Brasil, RJ); 3. *Santo Antônio de Sá: Primeira Vila do Recôncavo da Guanabara* (Caixa Cultural, RJ); 4. *O Museu Nacional Vive! Memórias e Perspectivas* (galeria do Plenário no Congresso Nacional, Brasília); 5. *Os Primeiros Brasileiros* (Arquivo Nacional, RJ); 6. *Ressurgindo das Cinzas* (Museu de Astronomia e Ciências Afins, RJ).

Atualmente, o SEMU coordena, junto à equipe de cooperação da UNESCO para Reconstrução do Museu Nacional/UFRJ, o Projeto de Museografia de Novas Exposições do Museu Nacional visando a devolver à sociedade espaços de vivência com o patrimônio científico, histórico, natural e cultural salvaguardado pelo Museu, e que estarão localizados majoritariamente no restaurado



Meteorito Santa Luzia. C: 130 cm; A: 80 cm; peso 1.980 kg. – Segundo maior meteorito conhecido no Brasil, identificado em Santa Luzia de Goiás, atual Luziânia (GO), em 1922. Exposição *Museu Nacional Vive – Arqueologia do Resgate*, Centro Cultural Banco do Brasil, 02/2019 (Foto: Cristiana Serejo).

Palácio de São Cristóvão. Além dos esforços dos servidores na recomposição do acervo e para a reabertura de espaços expositivos, o Museu Nacional vem articulando a aquisição de novas coleções através de doações de pessoas físicas e de instituições nacionais e internacionais. O renascer do Museu Nacional – sua sobrevivência como instituição historicamente inserida no processo do surgimento da nação brasileira – traduz as perspectivas de restauração de seu prédio histórico e recuperação simbólica do seu acervo para projetar sobre o futuro a sua vocação perene de busca, renovação, pesquisa e divulgação do conhecimento como instrumentos de inclusão social através do compartilhamento da memória como um bem comum universal.

#### LEGENDAS P.46

1. Réplica do Trono de Daomé, África. Produzida por aluno de 13 anos, Colégio Américo de Oliveira, RJ, em homenagem ao MN por conta do incêndio de 02/09/18.
2. Exposição *Santo Antônio de Sá: Primeira Vila do Recôncavo da Guanabara*, Caixa Cultural, RJ, 09/2019 marcou o primeiro ano do incêndio na Quinta da Boa Vista exibindo peças preservadas por estarem fora do palácio (Foto: Diogo Vasconcellos).
3. Exposição *Quando Nem Tudo Era Gelo – Novas Descobertas no Continente Antártico*, no Centro Cultural Museu Casa da Moeda do Brasil, RJ, 01/2019 (Foto: Diogo Vasconcellos).
4. Exposição *Os Primeiros Brasileiros*, Arquivo Nacional, RJ, 10/2019. Peças etnográficas do MN preservadas por estarem expostas no Distrito Federal na ocasião do incêndio (Foto: Diogo Vasconcellos).

#### EQUIPE

##### MUSEÓLOGOS

- Me. Artes Visuais – Amanda Thomaz Cavalcanti (amanda.cavalcanti@mn.ufrj.br)  
Me. Museologia e Patrimônio – Fernanda Pires Santos (fernandapires@mn.ufrj.br)  
Me. História – Marco Aurélio Marques Caldas (macald2@ig.com.br)  
Me. Museologia e Patrimônio – Paulo Victor Catharino Gitsin (paulovictor@mn.ufrj.br)  
Me. Ciência da Informação – Thaís Mayumi Pinheiro (mayumi@mn.ufrj.br)  
Eduardo Lacerda Gonçalves (eduardolg@mn.ufrj.br).  
Guilherme de Almeida Machado (guilhermemachado@mn.ufrj.br).  
Pedro Henrique de Souza Gomes (pedrogomes@mn.ufrj.br)

##### MUSEÓLOGA COLABORADORA

- Dra. Thereza Baumann Zavataro (tbbaumann@uol.com.br)

##### BIÓLOGA

- Edina Pereira Martins (martinsemp@mn.ufrj.br)

##### RESTAURADORA

- Valéria de Azevedo M. Rivera (valeria.rivera@mn.ufrj.br)

##### DESIGNER

- Willian de Lima (willian@mn.ufrj.br)

# educação

acervos didático-científicos



# SAE

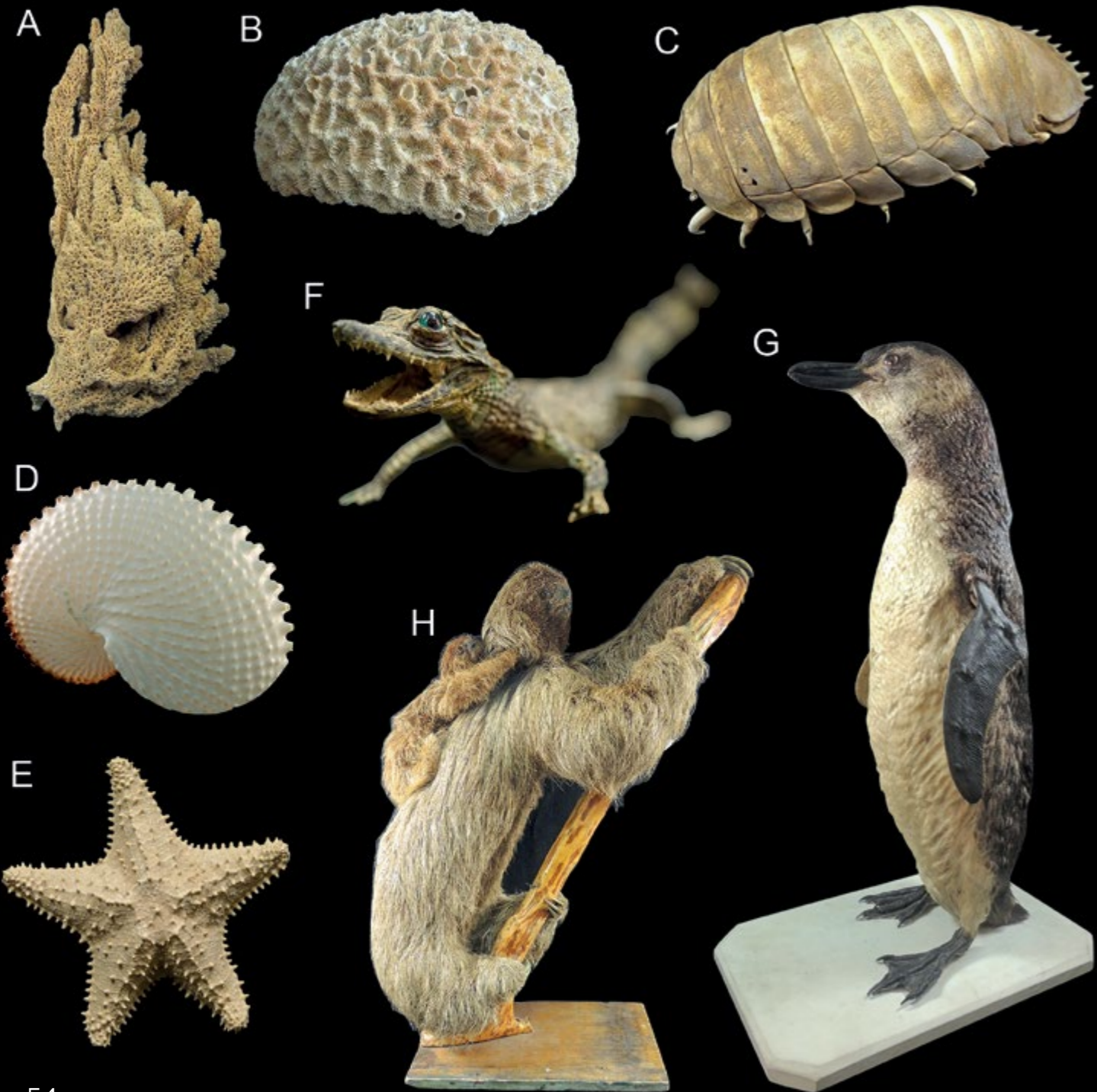
## Seção de Assistência ao Ensino

A Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional-UFRJ (SAE), criada em 1927 por Edgar Roquette-Pinto, é um marco como primeiro setor educativo de um museu brasileiro. Compreendendo a função educativa dos museus, a SAE promove a Educação Museal junto ao público em geral, incluindo escolas, universidades, pessoas com deficiência e em situação de vulnerabilidade social. Assim, a SAE atende aos princípios da UFRJ (constante no PDI- 03/2006) ao contribuir para que o conhecimento científico produzido e os bens culturais sob sua guarda estejam acessíveis.



As Coleções Didático-Científicas da SAE, com cerca de 60 anos, promovem o diálogo entre Museu e Sociedade através da exposição e empréstimo de exemplares. Esse acervo, que inclui rochas, fósseis e material biológico, vem sendo constituído por coletas e aquisições realizadas pelo Museu Nacional, assim como por doações externas (e.g., Coleção Stawiarski). A Coleção Zoológica tem o maior acervo, com aproximadamente 2.000 lotes dos principais grupos (de esponjas a mamíferos) e regiões do Brasil. Os lotes, coletados a partir de 1903 e preservados em álcool 70%, caixas entomológicas e taxidermizados, estão tombados e informatizados em planilhas Excel (19 grupos), com 70% fotografados e organizados em um Banco de Imagens no *Adobe Lightroom*. O material tem sido identificado em colaboração com docentes, discentes e técnicos do MN/UFRJ, revelando espécies comuns, raras, endêmicas, exóticas, com alto valor econômico e potencialmente perigosas, que possibilitam abordagens multireferenciais. Este material é emprestado às escolas e instituições científicas e culturais, sendo utilizado para ensino em salas de aula e exposições (contato <https://saemuseunacional.com/>). Nos projetos “Museu Nacional Vive Nas Escolas” e “O Museu na Quinta: encontros com a comunidade”, por exemplo, a SAE utiliza seu acervo em ações





desenvolvidas por meio da mediação humana, com o objetivo de promover a motivação intrínseca, provocando um olhar crítico e que valorize os saberes prévios do público. Entre 2011 e 2019, houve um aumento anual de 34 para 315 solicitações de empréstimo, movimentando em média aproximadamente 1.000 lotes/ano e atendendo centenas de escolas em 11 municípios do Rio de Janeiro, além de parcerias com algumas instituições na Bahia e Brasília, que mostra a capacidade de divulgação de conhecimentos tanto em eventos locais, como regionais e nacionais. O serviço de empréstimo transpõe barreiras de acesso do público ao Museu Nacional, função ainda mais relevante após o incêndio em 2018. O contato direto com os exemplares desperta sensações e sentimentos, provocando curiosidade e fascínio ao suscitar uma pluralidade de questões.

As coleções Didático-Científicas da SAE são fios condutores diferenciados para se explorar diversos conteúdos de maneira transversal, lúdica e didática, incluindo as áreas de sistemática, ecologia, evolução, biogeografia, artes, letras, história, geologia, matemática, esportes e desenvolvimento sustentável. Além disso, são pontes estratégicas entre o Museu Nacional e o público, alicerçadas no tripé que representa a identidade institucional: pesquisa, ensino e extensão. Por isso, a SAE trabalha pela constante preservação, ampliação e modernização desse valioso acervo, popularizando a ciência e democratizando o acesso às instituições de cultura.

Mero - *Epinephelus itajara* (132cm)  
 Criticamente Em Perigo de Extinção  
 Doação - Instituto Meros do Brasil  
 Acervo Acessível (SAE-Pe295)  
 Taxidermizado MNRJ-UFRJ (2019)



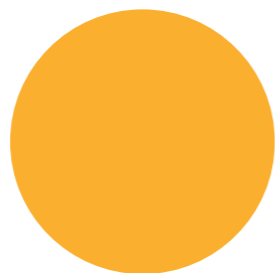


#### LEGENDAS

P.53. Coleção SAE - Lotes em álcool 70%. A, Esponja (Pf31 *Petromica citrina*); B, Octocoral (Cn71 *Leptogorgia punicea*); C, Cavaquinha (Cr171 *Scyllarides deceptor*); D, Mexilhão-leque (M156 *Pinna carnea*); E, Grilo (In56 Orthoptera); F, Lacreia (Ch06 *Scolopendra* sp.); G, Escorpião-africano (Ar98 *Pandinus imperator*); H, Ouriços-do-mar-lilás (Eq103 *Lytechinus variegatus*); I, Raia-viola-de-focinho-curto (Pe244 *Zapteryx brevirostris*); J, Cabeça de Sucuri (Rp39 *Eunectes murinus*).

P.54. Coleção SAE - Lotes secos e taxidermizados. A, Esponja (Pf84 *Clathria nicoleae*); B, Coral-cérebro (Cn109 *Mussismilia hispida*); C, Isopoda (Cr303 *Bathynomus giganteus*); D, Capsula-ovígera (M1117 *Argonauta nodosus*); E, Estrela-do-mar (*Oreaster reticulata*); F, Jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*); G, Pinguim-de-magalhães (*Av34 Spheniscus magellanicus*); H, Preguiça-comum (Ma27 *Bradypus variegatus*).

p.56. Coleção SAE - Lote histórico (SAE-Ad20), poliquetos raros (*Aphrodita echidna*), coletados em 17/01/1903 pelo Prof. Carlos Moreira (MNRJ), durante a Campanha de Pesca do *Hiate Annie*, ao largo da Ilha Rasa, RJ, 60-80 m de profundidade.



Clube de Jovens Cientistas do Museu Nacional: projeto de Educação Museal para estudante do ensino fundamental.

#### EQUIPE

##### CURADORA

Sheila Nicolas Villas Boas (sheilaboas@mn.ufrj.br)

##### AUXILIAR EM ADMINISTRAÇÃO

Aline Miranda e Souza (aline@mn.ufrj.br)

Me. Igor Fernandes Rodrigues

(igor.rodrigues@mn.ufrj.br)

Paulo José Santos (paulosantos@mn.ufrj.br)

##### DESENHISTA TÉCNICO ESPECIALIZADO

Manoel Magalhães Moreira

(manoelmagalhães@mn.ufrj.br)

##### PESQUISADOR COLABORADOR

Dr. Fernando Coreixas de Moraes (fmoraes@mn.ufrj.br)

Me. Frieda Maria Marti (friemc@gmail.com)

Dra. Renata Gomes (renata\_s\_gomes@yahoo.com.br)

##### TÉCNICO EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS

Me. Andrea Fernandes Costa (andrea@mn.ufrj.br)

Fabiana Maria de Oliveira Nascimento

(fabiana@mn.ufrj.br)

Dra. Fernanda de Lima Souza

(fernandalima@mn.ufrj.br)

Laís Borges de Azevedo Mota (laisborges@mn.ufrj.br)

Me. Patrícia Braga do Desterro

(patriciadesterro@mn.ufrj.br)

Sheila Lima de Moura (sheilalima@mn.ufrj.br)

# coleções

científicas antropológicas

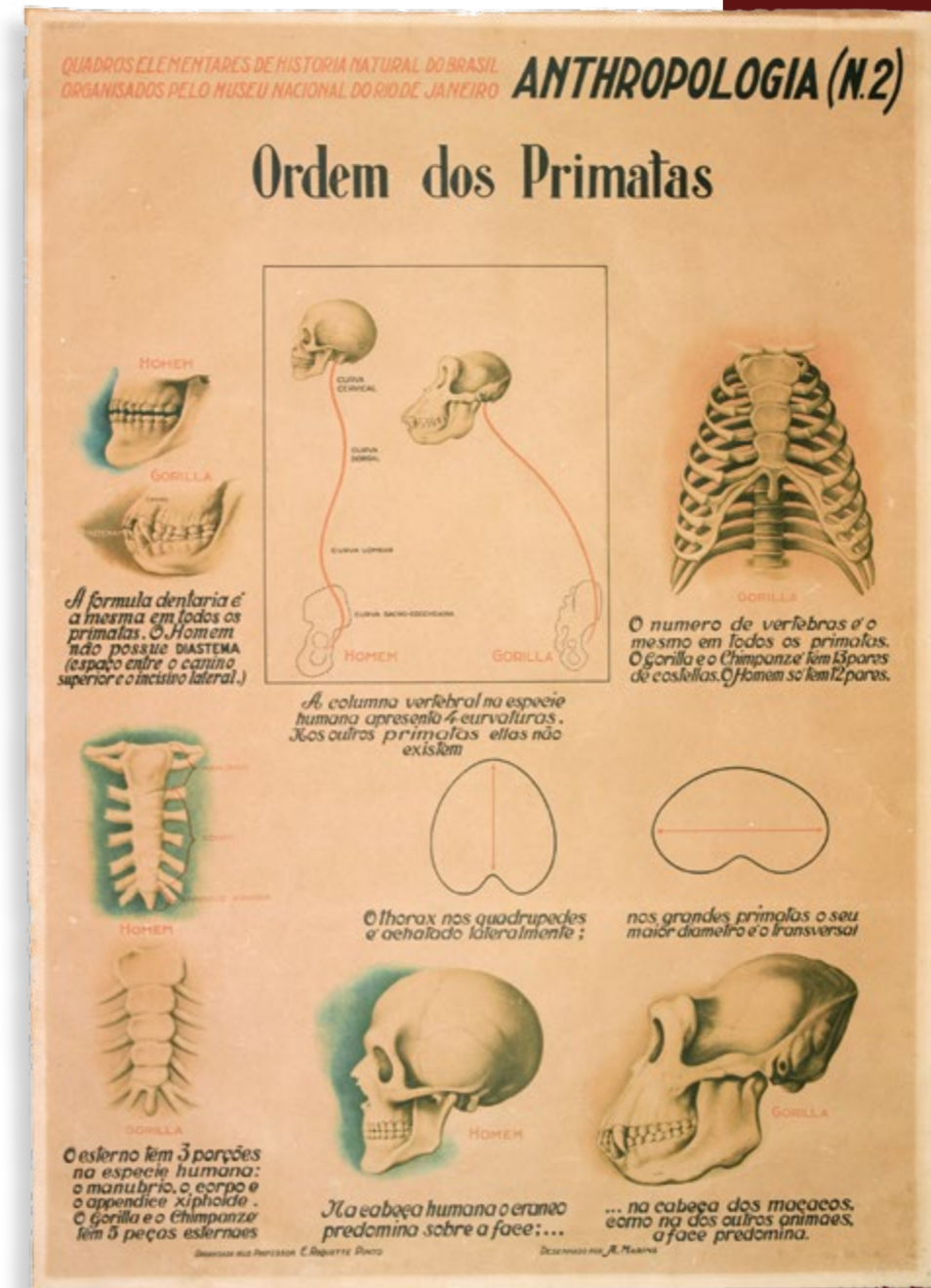


# Departamento de Antropologia

## SETOR DE ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA

Os acervos sob a guarda do Departamento de Antropologia (DA) refletem a trajetória de construção da Antropologia como ciência, culminando na perspectiva de quatro campos de atuação no Museu Nacional: Antropologia Biológica, Arqueologia, Etnologia/Antropologia Social e Linguística. As coleções antropológicas são compostas principalmente por cultura material, mas também contam com registros da cultura imaterial. A Linguística, por ter acervos documentais, sonoros e imagéticos, que compõem o Centro de Documentação de Línguas Indígenas (CELIN), foi aqui apresentada na seção de acervos arquivísticos. A Biblioteca Francisca Keller, que integra o Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, foi abordada nesse livro na parte dos acervos bibliográficos.

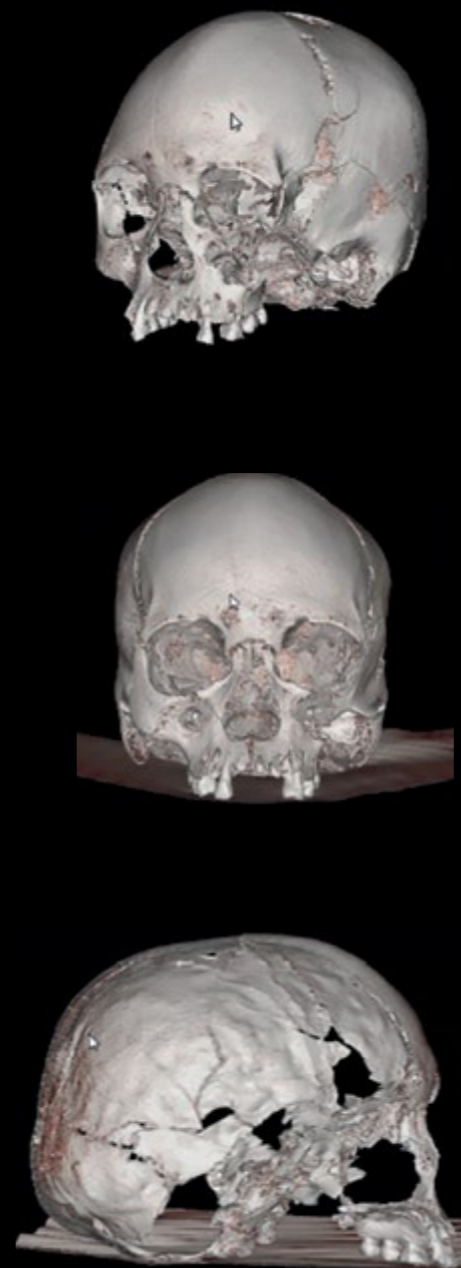
As coleções do Setor de Antropologia Biológica são caracterizadas por sua tipologia ou proveniência. Assim, conta com coleções de remanescentes humanos de diversos lugares e momentos diferentes do território brasileiro, principalmente área arqueológica de Lagoa Santa, como o indivíduo mais antigo encontrado, Luzia (encontrada no Município de Pedro Leopoldo), com cerca de 11.500 anos, e do litoral, proveniente de diferentes sambaquis. Também conta com uma expressiva e importante coleção de instrumentos científicos, como cinco estojos de Bertillon, adquiridos no século XIX e início do século XX. A Antropologia Biológica contava ainda com um acervo de documentos dedicado à trajetória deste campo no Museu, perdido durante o incêndio. Nos últimos anos, a coleção didática de referência para formação de novos profissionais estava sendo expandida. Todo o acervo se encontrava guardado dentro do palácio do Museu e foi afetado, sendo atualmente alvo das ações de resgate.



Cartaz didático sobre a ordem dos primatas, elaborado por Edgard Roquette-Pinto, início do século XX (Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional/UFRJ)



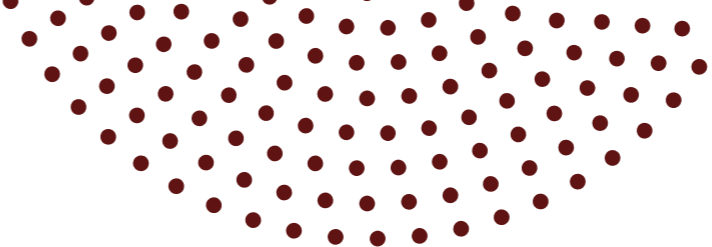
Crânio de "Luzia", um dos esqueletos mais antigos da América, com idade estimada em 11.500 anos, encontrado no município de Pedro Leopoldo, Minas Gerais.



Crânio de "Luzia", registro virtual. Imagens geradas a partir de tomografias ampliam as possibilidades de estudo do acervo osteológico humano, o compartilhamento de informações e impressões em 3D.



Aglomerado com elementos ósseos de diferentes indivíduos incorporado ao acervo a partir das pesquisas de Padberg-Drenkpol na região arqueológica de Lagoa Santa, em Minas Gerais, década de 1920. Essa foi a primeira expedição do Museu Nacional para investigar a antiguidade dos grupos humanos nas Américas.



#### EQUIPE

##### DOCENTE/CURADORA

Dra. Claudia Rodrigues Carvalho  
(claudia@mn.ufrj.br, sab@mn.ufrj.br)

##### DOCENTES

Dr. Andersen Liryo da Silva  
(liryo@mn.ufrj.br)

Dr. Andrea de Lessa Pinto  
(andrea.lessa@mn.ufrj.br)

Dr. Adilson Dias Salles  
(adsalles@mn.ufrj.br)

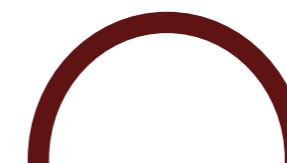
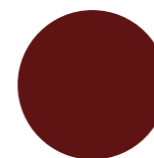
Dr. Titular Ricardo Ventura Santos  
(venturasantos99@gmail.com)

##### ARQUEÓLOGOS

Dr. Murilo Bastos  
(mbastos@mn.ufrj.br)

Dra. Silvia Reis  
(sreis@mn.ufrj.br)

Me. Victor Bittar  
(bittar@mn.ufrj.br)

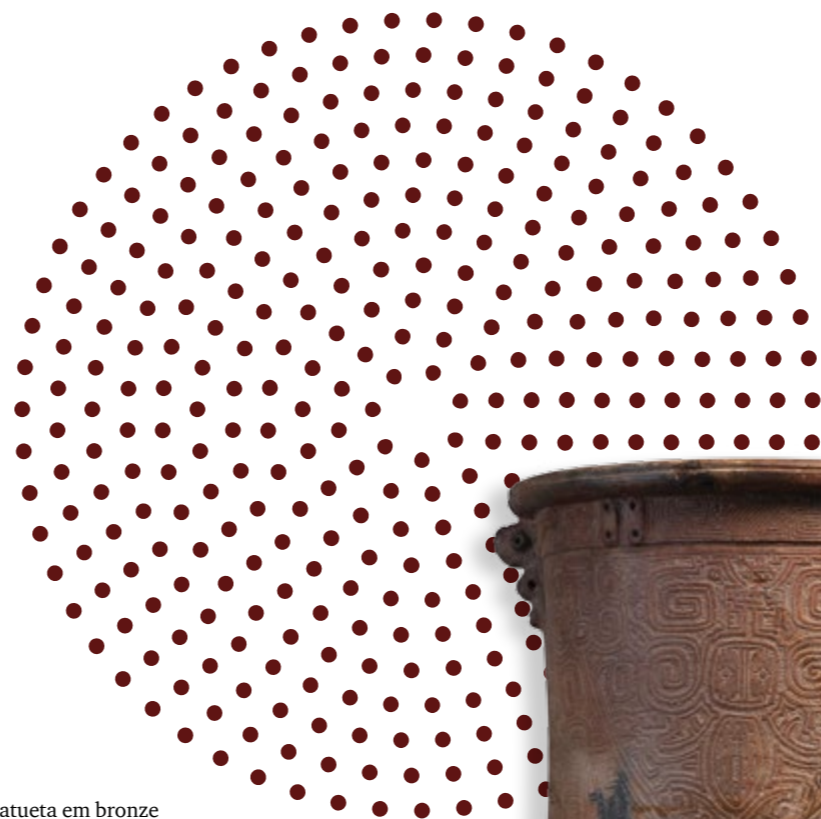


# Setor de Arqueologia

O Setor de Arqueologia do Museu Nacional compreende as coleções de Arqueologia e Arqueobotânica. A formação do acervo arqueológico remonta ao século XIX e se estende até os dias atuais, incluindo coleções formadas por meio das pesquisas de professores da casa e pesquisas realizadas no âmbito do Licenciamento Ambiental, com endosso da instituição. A Coleção de Arqueologia se caracteriza por uma alta diversidade de artefatos, representativos de culturas arqueológicas originárias de diversas partes do mundo que vão desde o Paleolítico Superior europeu até o Brasil Histórico do século XIX, passando por importantes coleções de Arqueologia Clássica (Egito Antigo e Mediterrâneo) e Pré-Colombiana, com destaque para um acervo inigualável de Arqueologia Brasileira que representa desde o sul do país até a Amazônia, em intervalos de tempo multimilenares.



Estatueta em bronze da deusa Ísis, amamentando seu filho, o deus Hórus, na forma de um príncipe real. Oriunda do Egito Antigo, início do período Ptolomaico, 310 a.C. 21 cm de altura.

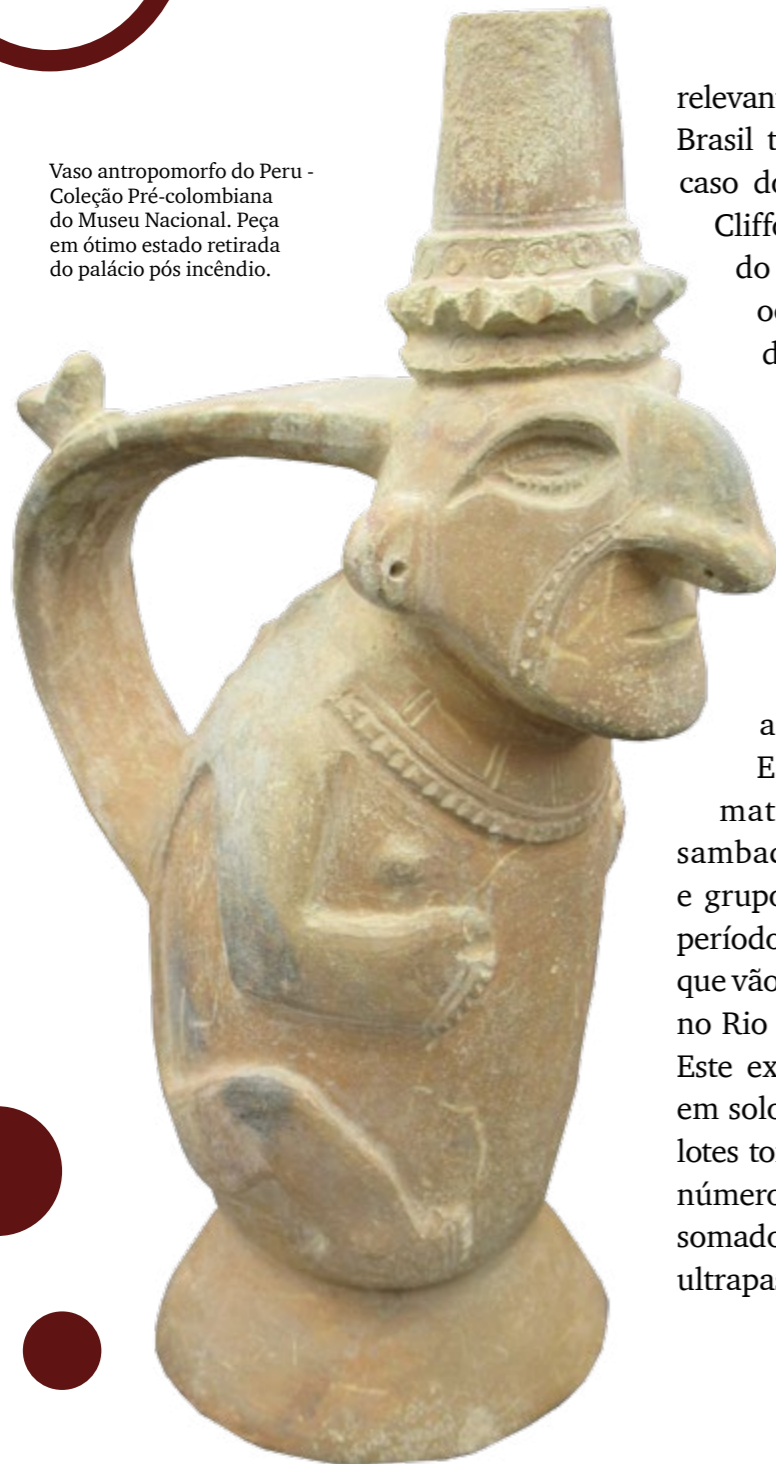


Urna, 400 a 1400 a.D. Cerâmica Marajoara, Ilha de Marajó, 81 cm.



A principal Reserva Técnica de Arqueologia, situada no Palácio da Quinta da Boa Vista, foi severamente atingida pelo fogo em setembro de 2018, mas uma boa parte do material aí armazenado está sendo recuperada (especialmente peças mais resistentes, como cerâmicas, líticos e metais). Artefatos representativos da Coleção Egípcia, cujo composição se deu por meio dos Imperadores Dom Pedro I e Dom Pedro II, e que antes do incêndio compunham a maior coleção do tipo na América Latina, estão sendo resgatados, e as estimativas são de que, mesmo após o sinistro, ela seguirá ocupando essa posição. O resgate também está permitindo a recuperação de outras coleções, como a de Arqueologia Clássica referente ao Mediterrâneo (Coleções Itálica, Etrusca e Greco-Romana), que incluía desde bronzes e afrescos de Pompeia até itens cuja importância extrapola o período, como é o caso dos materiais provenientes de escavação arqueológica promovida pela própria Imperatriz Teresa Cristina. O mesmo é válido para a Coleção Pré-Colombiana, que congrega materiais relativos aos mais distintos povos e períodos, provenientes de diferentes países – entre eles México, Venezuela, Peru, Bolívia, Chile e Uruguai, e cuja constituição se deu, em boa medida, por meio de articulações interinstitucionais desenvolvidas ao longo do século XX. Artefatos

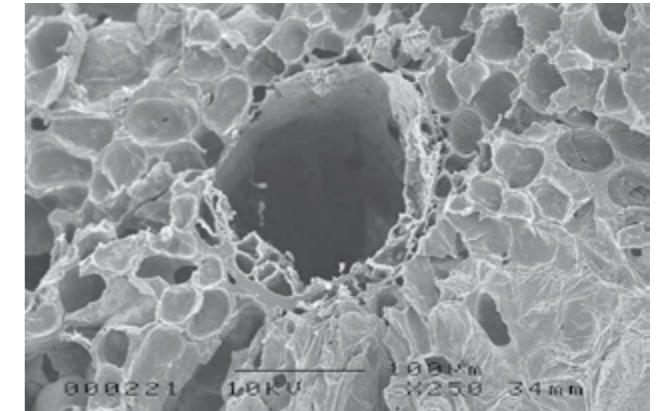
Vaso antropomorfo do Peru - Coleção Pré-colombiana do Museu Nacional. Peça em ótimo estado retirada do palácio pós incêndio.



relevantes para a história da Arqueologia no Brasil têm sido ainda recuperados. Esse é o caso do acervo doado por Betty Meggers e Clifford Evans após suas pesquisas na Foz do Amazonas, do acervo constituído por ocasião da Comissão Rondon e do acervo da Coleção Balbino de Freitas, umas das poucas coleções arqueológicas do país com tombamento em nível federal pelo IPHAN.

Além disso, o Museu Nacional conta com importantes coleções de Arqueologia Brasileira que foram preservadas pelo fogo por estarem armazenadas em prédios distintos. Estas últimas incluem principalmente materiais relacionados com a cultura sambaquiana, grupos ceramistas do litoral e grupos que ocuparam o Rio de Janeiro no período histórico, compreendendo contextos que vão desde o início da ocupação portuguesa no Rio de Janeiro, até aqueles mais recentes. Este excepcional acervo arqueológico, único em solo brasileiro, era composto por 422.136 lotes tombados, totalizando 510.674 peças em número estimado de materiais tombados, que somados ao backlog (acervo não tombado), ultrapassa 800.000 peças.

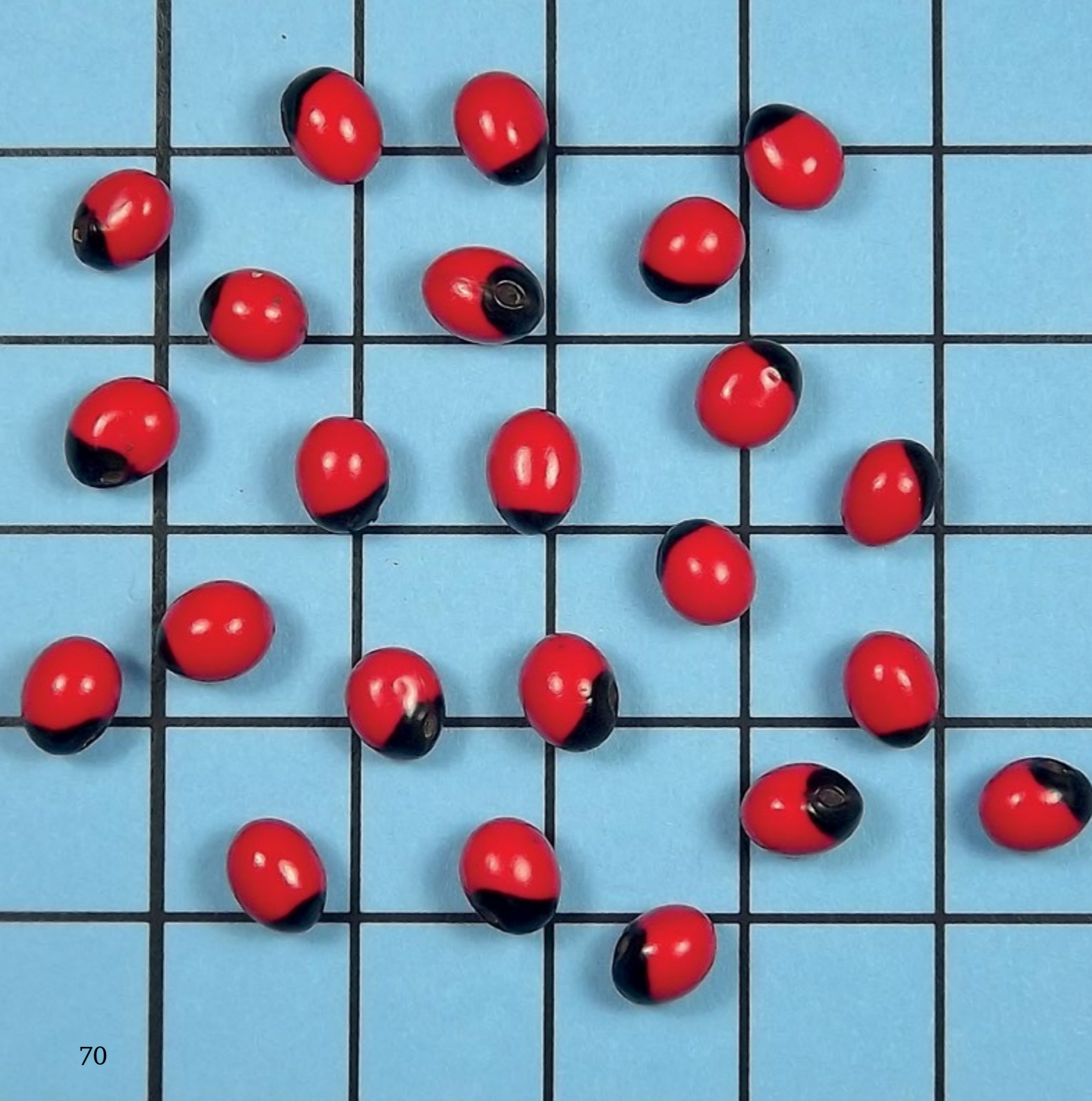
As Coleções Arqueobotânicas são um conjunto de coleções interrelacionadas que englobam Coleções Arqueobotânicas (arqueológicas) e Coleções de Referência (modernas). As Coleções Arqueobotânicas reúnem amostras de remanescentes vegetais de sítios arqueológicos de diversas afiliações culturais que ocuparam o território brasileiro, desde tempos pré-coloniais até o período histórico. Consistem em materiais botânicos coletados em contexto arqueológico, principalmente ecofatos – vestígios arqueológicos de origem biológica com significado cultural, mas não intencionalmente modificados pela ação humana (carvões, frutos/sementes e outros, e microvestígios preservados no sedimento ou em artefatos, estes conservados em lâminas). As Coleções de Referência são compostas por partes de plantas atuais bem determinadas taxonomicamente (madeira, carvão, folhas, flores, frutos, sementes, órgãos subterrâneos, e microvestígios deles extraídos) oriundas de coletas de campo ou doações de outras coleções botânicas. Quando coletadas no campo, diversas amostras são retiradas da mesma planta e uma exsicata é produzida para identificação taxonômica, sendo essa depositada no herbário do MN como material testemunho (voucher). Este acervo vem sendo organizado desde o início dos anos 1990 e era um dos mais completos em arqueobotânica,



Tubérculo de cará (*Dioscorea* sp.) - Anatomia interna em microscopia eletrônica de varredura; coletado no Sambaqui do Forte (Cabo Frio, RJ) a 240-250 cm de profundidade e datado em 4910 ± 55 anos antes do presente (5720-5480 anos calibrados AP). Coleção Arqueobotânica do Museu Nacional.



Antracoteca do Museu Nacional. Esta coleção permanece sendo uma das maiores e mais importantes coleções de carvão do mundo.



incluindo a maior Antracoteca de zonas tropicais do mundo, mas teve a maior parte de suas amostras destruídas em setembro de 2018. As Coleções de Referência Modernas (Antracoteca, Xiloteca, Carpoteca, Fitoliteca, Amidoteca e Laminoteca de madeira) compreendiam 4.923 lotes tombados, com estimativa de 5.587 itens e outros 600 em backlog (não tombados). As Coleções Arqueobotânicas Arqueológicas (Antracologia e Microarqueobotânica) compreendiam 5.595 lotes tombados, com estimativa de 522.375 itens. Destes, foi preservado apenas um lote de duplicatas da Antracoteca, ainda sendo inventariado, o qual foi acrescido pela doação de uma coleção de carvões da América Central. Atualmente, existem projetos em curso visando coletas de campo para reconstituir as coleções de referência e análises de material arqueológico que conduzirão ao restabelecimento das coleções arqueobotânicas.

Sementes de “tento” (*Ormosia arborea*, Leguminosae) da Carpoteca do Museu Nacional (Coleção de Referência Moderna). A identificação de frutos e sementes se faz a partir de sua morfologia.

## EQUIPE

### CURADOR DA COLEÇÃO DE ARQUEOLOGIA

Dr. Marcos André Torres de Souza  
Titular (torresdesouza@yahoo.com)  
Dra. Denise Maria Cavalcante Gomes  
Substituta eventual (denisecavalcante@yahoo.com)

### GERENTE DE COLEÇÕES

Dr. Mario Junior Alves Polo  
(mariojrpolo@gmail.com)

### EQUIPE DE TÉCNICOS

Me. Angela Maria Camardella Rabello  
(angela@mn.ufrj.br)  
Me. Letícia Dutra Romualdo da Silva  
(leticiadutra@mn.ufrj.br)  
Mariana Costa Duarte Ferreira  
(marianaduarte@mn.ufrj.br)

### CURADOR DA COLEÇÃO DE ARQUEOBOTÂNICA

Dra. Rita Scheel-Ybert  
Titular (scheelybert@mn.ufrj.br)  
Me. Leonardo Waisman de Azevedo  
Substituto eventual (leonardowa@mn.ufrj.br)

### EQUIPE DE TÉCNICOS

Dra. Rubia Graciele Patzlaff  
(patzlaff@mn.ufrj.br)  
B.Sc. Taís Jacinto Pinheiro Capucho  
(taiscapucho@mn.ufrj.br)

# Setor de Etnologia e Etnografia

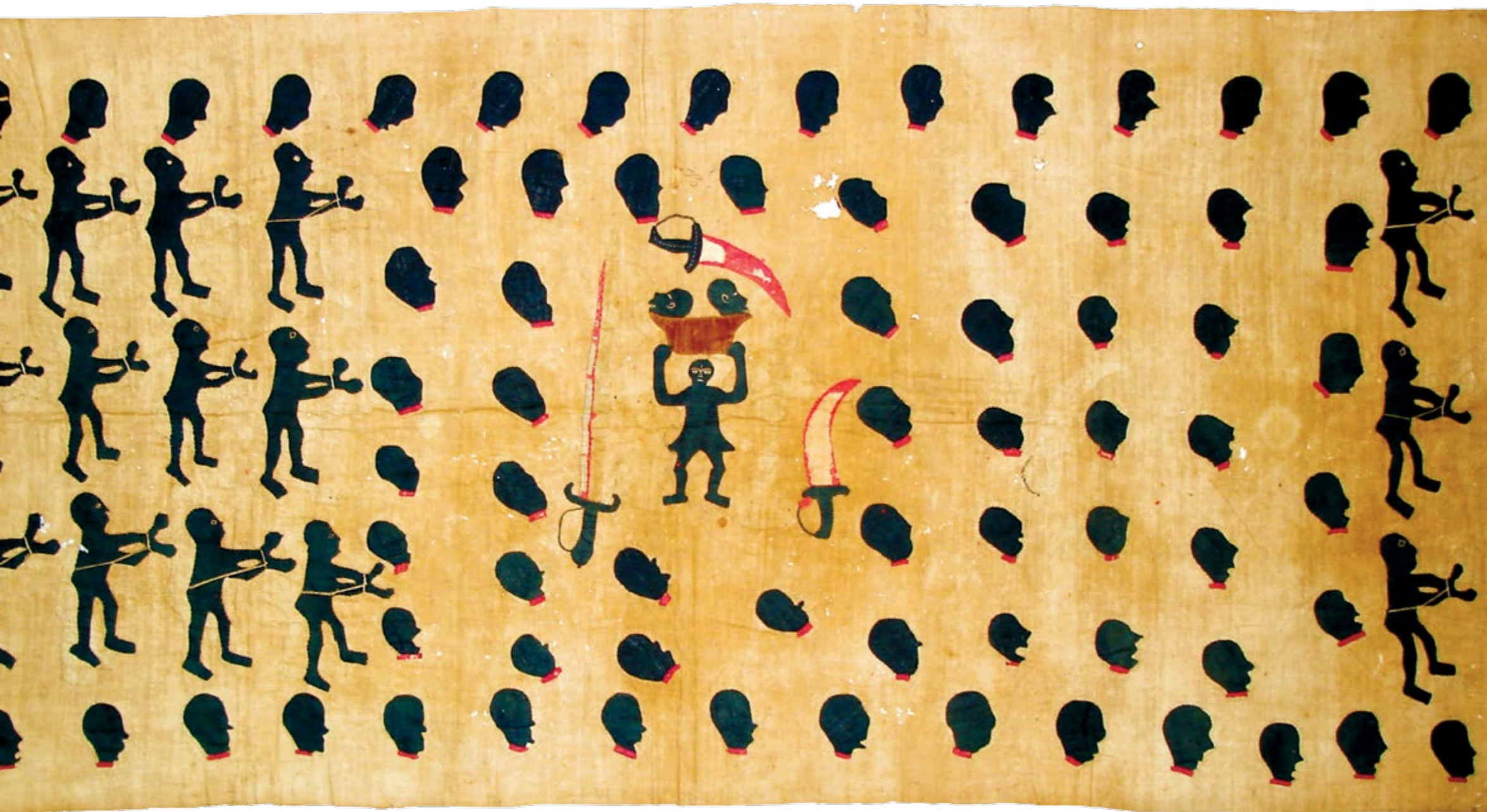


Trono de Daomé, 100x70x40 cm. Presente do rei Adandozan (Reino de Daomé, atual Benin) ao príncipe regente D. João VI, 1811. Provável data passagem do sec. XVIII-XIX (Foto: Crenivaldo Veloso).

O acervo do Setor de Etnologia e Etnografia (SEE) foi constituído ao longo dos duzentos anos de história do Museu Nacional, fruto de múltiplos encontros entre colecionadores, cientistas, líderes, artesãos e artesãs de diversos povos e regiões do Brasil e do mundo. As coleções revelavam a diversidade sociocultural e histórica da formação nacional em toda sua complexidade e contribuía para um melhor entendimento do intrincado jogo de forças que levou à produção do conhecimento científico e à consolidação do patrimônio nacional. Nelas, estavam representadas cerca de 200 etnias indígenas do Brasil, formando a coleção mais expressiva do SEE, bem como havia coleções de povos da África, da Ásia, da Oceania, da Europa e das Américas.

Coroa Plumária Karajá, adquirida pelo Museu Nacional em 1907. Fotografia: João Maurício, 2017. Acervo Digital do Setor de Etnologia e Etnografia, Museu Nacional/UFRJ.





Bandeira de guerra. Presente do rei do Daomé (Benim) ao príncipe regente D. João. 1811. Fotografia: Crenivaldo Veloso, 2013. Acervo digital do Setor de Etnologia e Etnografia, Museu Nacional/UFRJ.

Antes do incêndio, as coleções estavam reunidas em duas reservas técnicas, organizadas por três categorias: tipológica, geográfica e por etnia. Assim, tínhamos armários com o “acervo regional” (*cultura popular, arte popular*) e com “acervo estrangeiro”, cujos objetos estavam organizados nas prateleiras por local de procedência. Havia ainda o “acervo indígena”, o maior do SEE, distribuído nos armários e mapotecas conforme função e suporte, como por exemplo cestaria, plumária, instrumentos musicais, cerâmica e adornos.

A reconstrução do acervo etnográfico do Museu Nacional do Museu Nacional é a imensa tarefa que temos pela frente. Literalmente renascendo das cinzas, sob novas formas, estamos dando continuidade a uma diretiva curatorial que já nos movia há algumas décadas, recebendo indígenas para conhecer e pesquisar nossas coleções e colaborando com iniciativas culturais destes povos, como exemplifica a parceria estabelecida com o Museu Maguta, dos Tikunas (AM) e com comunidades religiosas afrodescendentes (RJ).

O SEE atualmente é formado por uma equipe multidisciplinar que desenvolve atividades que vão desde o gerenciamento das coleções, a realização de pesquisas e a extroversão do conteúdo produzido através de exposições e

projetos educacionais. Após o incêndio, a equipe participou do Núcleo de Resgate dos Acervos, colaborando na recuperação do patrimônio científico. Também vem realizando pesquisas sobre repositórios digitais e mantendo relações com instituições museológicas estrangeiras, a fim de reunir coleções de povos indígenas do Brasil no formato digital. Para a formação de novas coleções físicas, torna-se imperativa a reflexão aprofundar experiências de formação de coleção que priorizem relações colaborativas e horizontais na transferência e uso destes artefatos. Pretendemos, assim, constituir um novo acervo com a participação ativa dos indígenas e outras comunidades. É neste sentido que o SEE vem estabelecendo parcerias com representantes de alguns povos indígenas, que já resultaram na formação das nossas primeiras novas coleções (Tikuna, Karajá e Guarani Kaiowá).



Cesto Karajá, adquirido pelo Museu Nacional em 1907. Feito de fibra vegetal, utilizado como recipiente ou cargueiro semelhante a gamela, em formato arredondado. Fotografia: João Maurício, 2017. Acervo digital do Setor de Etnologia e Etnografia, Museu Nacional/UFRJ

#### EQUIPE

##### CURADOR

Dr. João Pacheco de Oliveira, Prof. Titular  
(jpo.antropologia@mn.ufrj.br)

##### ANTROPÓLOGO

Dr. Antônio Carlos de Souza Lima, Prof. Titular  
(acslima@mn.ufrj.br)

Dra. Renata Curcio Valente  
(renatacvalente@mn.ufrj.br)

##### GERENTE DE COLEÇÕES ANTROPOLÓGICAS

Me. em Antropologia Paula de Aguiar Silva Azevedo  
(paulaasa91@mn.ufrj.br)

Coroa radial plumária, adquirida em 2013, parte da Coleção Rafael Pessoa, uma das coleções do SEE não atingidas pelo incêndio. Fotografia: Paula de Aguiar, 2019. Acervo do Setor de Etnologia e Etnografia, Museu Nacional/UFRJ



#### HISTORIADOR

Dr. Crenivaldo Regis Veloso Junior  
(veloso@mn.ufrj.br)

#### MUSEÓLOGA

Me. Profissional Preservação de Acervo  
Rachel Correa Lima (limarachel@mn.ufrj.br)

#### TÉCNICA EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS

Dra. Michele de Barcelos Agostinho  
(michelebarcelos@mn.ufrj.br)

# coleções

científicas geológicas e  
paleontológicas



# Departamento de Geologia e Paleontologia

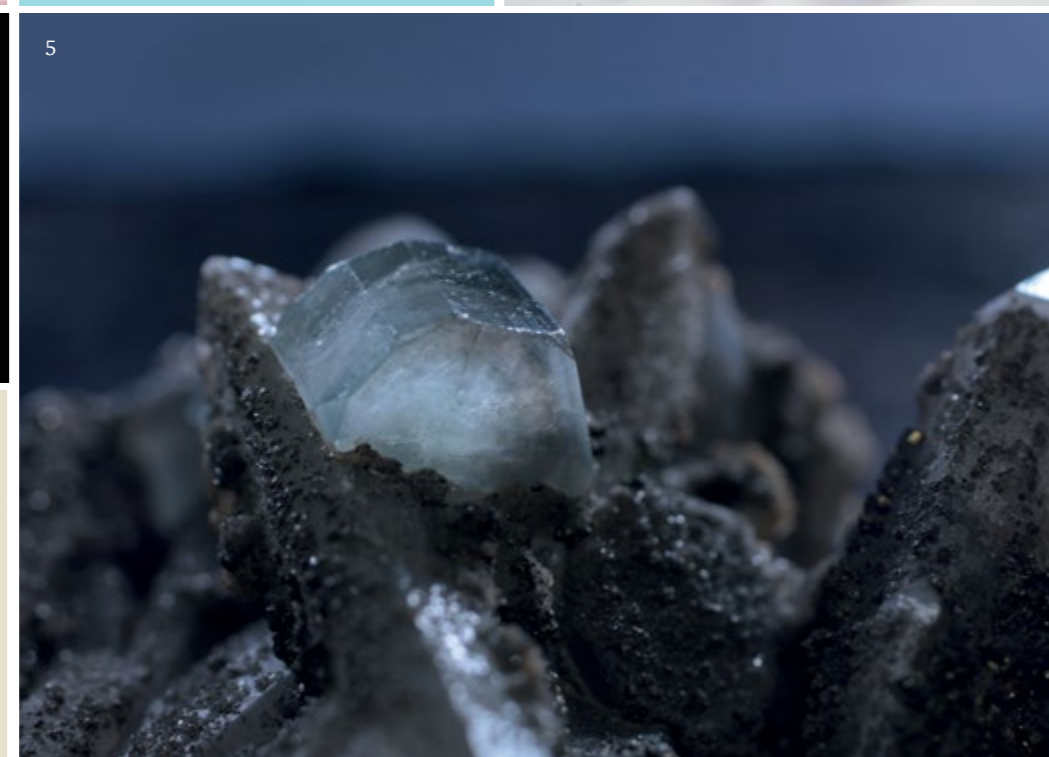
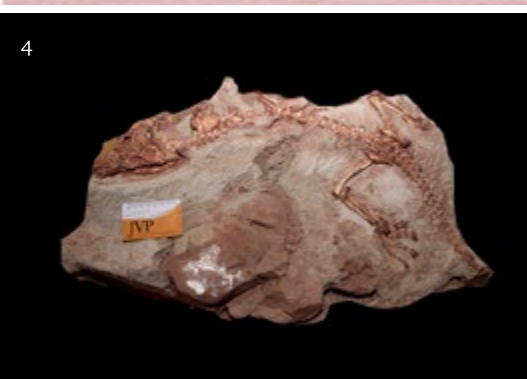
O Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP) foi criado em 1842, mas suas coleções contam histórias muito mais antigas, como a da fundação do Museu Nacional em 1818, e seus itens de coleção remetem há muitos milhões de anos. A Coleção Werner, composta por minerais organizados por Abraham Gottlob Werner, foi a primeira coleção científica do Museu Nacional e faz parte do acervo do DGP. Cobiçada por Napoleão Bonaparte, a coleção foi adquirida pela Coroa Portuguesa ainda no século XVIII e trazida ao Brasil durante a fuga da Família Real Portuguesa, sendo incorporada ao acervo do Museu em 1819.

Nas coleções do Departamento, o acervo é composto por diversos itens com grande importância histórica e científica, como: o trio de brasões cunhados em lava do vulcão Vesúvio; o primeiro fóssil de planta descrito no Brasil (*Psaronius brasiliensis*); amostra do

primeiro poço de petróleo do Brasil; fósseis de pterossauros, dinossauros e exemplares da megafauna extinta; bem como itens da coleção particular de Leopoldina e Dom Pedro II. O meteorito Bendegó é notável, dentre outras coisas, por sua história. Foi descoberto em 1784 na Bahia, teve sua primeira viagem ao Rio de Janeiro fracassada e somente em 1888 foi realocado por ordens de D. Pedro II que reconheceu sua importância e o expôs no palácio. A expansão dos acervos geopaleontológicos se deu ao longo dos anos por doações de personalidades como Barão Eschwege, Claude-Henri Gorceix e Frederick Sellow, além das coletas em grandes expedições de pesquisa de norte a sul do território nacional, comandadas por Charles Frederick Hartt e Orville Adelbert Derby. As rochas, fósseis, minerais, sedimentos, metais e meteoritos distribuem-se em dez coleções no Departamento: Geologia Econômica, Mineralogia, Sedimentologia, Petrografia, Paleoinvertebrados, Meteorítica, Paleobotânica, Paleovertebrados, Paleopalinologia e Rochas Sedimentares. Todo o acervo dessas coleções localizava-se dentro do prédio do palácio durante o incêndio do dia 2 de setembro de 2018 e foi duramente afetado. Contudo, com as atividades de resgate, tivemos a grata surpresa de ver que nem tudo estava perdido e destacamos a recuperação de peças



*Stereosternum* sp., 60 cm, Família Mesosauridae (MN 4814-V). Fóssil de vertebrado aquático e pré-histórico. No Brasil, os mesossaurídeos foram registrados em rochas do estado de São Paulo, onde esse exemplar foi encontrado, e na Bacia do Paraná em estratos datados do Permiano Superior (299 a 251 Ma).



1. Calcedônia e jaspe, proveniente de Ekatherinemberg, Sibéria. Exemplar da Coleção Werner. Foto (pré-incêndio): acervo da Coleção de Mineralogia.

2. Basalto porfirítico coletado por Charles Frederick Hartt, em 1824. Esta rocha foi uma das amostras resgatada do palácio após o incêndio. Foto: (pré-incêndio): acervo da Coleção de Petrografia.

3. Vanadinita, um dos minerais doados pela Receita Federal ao Museu Nacional, após o incêndio. Foto: Acervo da Coleção de Mineralogia.

4. *Mariliasuchus* sp. fóssil de Crocodyliformes, um dos exemplares mais bem preservados da Coleção de Paleovertebrados proveniente

do Cretáceo de São Paulo. Infelizmente esse exemplar não foi recuperado nas ações de resgate após o incêndio de setembro de 2018. Foto: Luciana Carvalho.

5. Apatita sobre quartzo proveniente de Ehrenfriedersdorf, Alemanha. Exemplar da Coleção Werner, considerada a primeira coleção do Museu Nacional. Foto (pré-incêndio): acervo da Coleção de Mineralogia.

6. Invertebrados fósseis (crinoides) coletados pela Comissão Geológica do Império, comandadas por Charles Frederick Hartt e Orville Adelbert Derby. Essa foi uma das amostras resgatadas após o incêndio do palácio. Foto (pós-incêndio): Orlando Grillo.

importantes das coleções de Meteorítica, Mineralogia, Petrografia, Paleobotânica, Paleoinvertebrados e Paleovertebrados. Após o incêndio, uma equipe foi organizada para tratar de todo o processo de salvamento das coleções científicas que tivessem sobrevivido ao sinistro. Esta equipe foi denominada Núcleo de Resgate de Acervos do Museu Nacional. A Coleção de Meteorítica foi a primeira a ser acessada, devido ao seu posicionamento dentro do prédio e à necessidade de resgate rápido, pois algumas peças que não foram afetadas pelo fogo poderiam ser perdidas em função da umidade que provocaria a oxidação e destruição dos meteoritos. Após a retirada dos escombros mais pesados que haviam desabado do terceiro e do segundo andar sobre a área das coleções do DGP, se imprimiu um ritmo de resgate que ainda continua até o momento. Apesar do impacto provocado pelo incêndio e desabamento, a maioria das coleções do DGP sobreviveram em diferentes graus de preservação, devido a sua natureza basicamente formada por rochas e minerais.

Em paralelo as atividades do resgate, os pesquisadores do departamento têm dirigido seus esforços para restaurar suas coleções e expandi-las com novos acervos proveniente de coletas e doações.

De certa forma, o acervo de história natural do DGP conta a trajetória da geologia e paleontologia do país e do próprio território brasileiro. Expectador dessa breve história, Bendegó, formado há bilhões de anos, permanece imponente no *hall* do palácio como símbolo da resistência do Museu Nacional.



Trio de brasões cunhados em lava do vulcão Vesúvio e conduzidos ao Brasil por D. Pedro II. Todas essas peças resistiram ao incêndio acometido pelo palácio do Museu Nacional. Foto: Antônio Carlos Fernandes.



Tronco de samambaia arbórea  
*Psaronius brasiliensis*, primeira planta  
fossilizada descrita no Brasil. Este  
exemplar foi resgatado do palácio  
após o grande incêndio de setembro  
de 2018. Foto pré-incêndio.

## EQUIPE

### CURADORES / COLEÇÃO RESPONSÁVEL GEOLOGIA ECONÔMICA

Dr. Renato Rodriguez Cabral Ramos  
(rramos@mn.ufrj.br)  
Dra. Eliane Guedes (eguedes@mn.ufrj.br)

### MINERALOGIA

Dr. Ciro Alexandre Ávila (avila@mn.ufrj.br)  
Dr. Fabiano Richard Leite Faulstich  
(ffaulstich@mn.ufrj.br)

### SEDIMENTOLOGIA

Dr. João Wagner Alencar Castro (castro@mn.ufrj.br)

### PETROGRAFIA

Dra. Eliane Guedes (eguedes@mn.ufrj.br)

### PALEOINVERTEBRADOS

Dr. Sandro Marcelo Scheffler (schefflersm@mn.ufrj.br)

### METEORÍTICA

Dra. Maria Elizabeth Zucolotto (meteoritos@mn.ufrj.br)  
Orlean Chanfin de Anchieta

### PALEOBOTÂNICA

Dra. Luciana Witowisk Gussella (luwitovisk@mn.ufrj.br)

### PALEOVERTEBRADOS

Dr. Alexander Wilhelm Armin Kellner, Prof. Titular  
(kellner@mn.ufrj.br)  
Dr. Sérgio Alex Kugland de Azevedo, Prof. Titular  
(sazevedo@mn.ufrj.br)  
Dra. Luciana Barbosa de Carvalho (lucbc@mn.ufrj.br)  
Dr. Orlando Nelson Grillo (ongrillo@mn.ufrj.br)  
Dra. Uíara Gomes Cabral (uiara@mn.ufrj.br)

### PALEOPALINOLOGIA

Dr. Marcelo de Araújo Carvalho  
(mcarvalho@mn.ufrj.br)

### ROCHAS SEDIMENTARES

Dr. Renato Rodriguez Cabral Ramos  
(rramos@mn.ufrj.br)

### PREPARADORES PALEOVERTEBRADOS

Me. Bárbara da Silva Maciel (bsm@mn.ufrj.br)  
Me. Helder de Paula Silva (preparador@mn.ufrj.br)  
Me. Lilian Alves da Cruz (lilianacruz@mn.ufrj.br)  
Priscila Joana de Paula (prigpaula@ig.com.br)

### PROGRAMADORES VISUAIS

Dr. Orlando Nelson Grillo (ongrillo@mn.ufrj.br)  
Gabriel da Silva Cardoso (gabrielcardoso@mn.ufrj.br)  
Me. Pedro von Seehausen  
(pedrovonseehausen@mn.ufrj.br)

### GERENTE DE COLEÇÕES

Me. Sarah Siqueira da Cruz Guimarães Sousa  
(sarah@mn.ufrj.br)

### TÉCNICAS DE COLEÇÕES

Gisele Rhis Figueiredo (giselerhis@mn.ufrj.br)  
Me. Sílvia Maria Teixeira Silveira (silvia@mn.ufrj.br)

### SECRETARIADO

Jeferson Fernandes Rodrigues

### TÉCNICOS EM QUÍMICA

Maiara Neto Lacerda dos Santos  
Me. Leonardo Dangelo

# coleções

científicas biológicas



# Departamento de Botânica

O Herbário do Museu Nacional foi o primeiro a ser fundado no Brasil, em 1831 e representa um patrimônio da humanidade. Reconhecido pelo acrônimo internacional 'R' (referência ao Rio de Janeiro), é um conjunto de coleções científicas de material botânico e em parte de natureza museológica, possuindo coletas de pessoas ilustres, como membros da Família Real Brasileira e uma expressiva quantidade de material coletado por notórios naturalistas do passado. Os espécimes mais antigos datam do final dos anos 1700.

Grande parte do acervo consiste em plantas, algas, fungos ou suas partes, preservadas prensadas, secas e presas a um pedaço de papel, chamadas de exsicatas. O material pode ser guardado também seco em envelopes, frascos em meio líquido, ou ainda em lâminas de microscopia.

A função precípua desses exemplares científicos e das informações a eles associadas é de dar suporte à pesquisa científica, seja ela de cunho

biológico, como os estudos taxonômicos, morfológicos, anatômicos, moleculares, etc., ou históricos, já que o herbário funciona também como uma biblioteca da biodiversidade, fazendo testemunho de floras regionais, muitas vezes de lugares onde já não se encontra vegetação nativa.

Os espécimes presentes no acervo passaram desde a última década a serem restaurados e remontados em um papel alcalino especial, que possui maior durabilidade, a fim de preservar o material biológico com mais eficácia. O material em meio líquido passou também a ser transferido para frascos mais modernos de grande durabilidade. Paralelamente ao processo de restauro, o acervo está sendo informatizado e fotografado/escaneado. O processo de informatização consiste na digitação de todas as informações contidas junto aos espécimes, como a localidade, a data, e o nome científico, enquanto que a imagem permite a visualização de detalhes das plantas, algas e fungos em qualquer lugar do mundo, por meio da internet.

O Herbário foi transferido do Palácio Imperial no ano de 2007 para um novo prédio construído para o Departamento de Botânica, onde ocupa uma área de 500m<sup>2</sup>. O material encontra-se organizado em ordem alfabética de famílias botânicas nas prateleiras de armários



Coleção D. Pedro II – Exsicata de *Oxypetalum banksii* Schult., Apocynaceae, com selo de cera em referência ao monarca DP II.



Horto Botânico, localizado dentro da Quinta da Boa Vista, e que não foi atingido pelo incêndio. Possui 40.748,50 m<sup>2</sup>, com área verde de ca. 20.000 m<sup>2</sup> e área construída que inclui: Biblioteca Central, prédios dos Departamentos de Botânica e Vertebrados, incluindo as coleções Casa de Pedra (acervos arqueológicos), Laboratório de Celenterologia e prédios de ensino de pós-graduação.

deslizantes. O tamanho total do acervo é de cerca de 500 mil espécimes, incluindo duplicatas. Há nesse volume cerca de 6.600 tipos nomenclaturais, muitos deles citados na primeira obra de grande importância para as plantas do Brasil e ainda em uso, a *Flora Brasiliensis*.

A principal representação do material do Herbário R é de espécies neotropicais, com foco no Brasil. Apesar disso, podem-se encontrar coletas de espécies de todo o mundo, recebidas em grande parte como doação ou permuta – atividades essas comuns entre diferentes herbários.

O acervo do Herbário R representa um local essencial de consulta para os estudos das listagens de espécies para o território brasileiro, e serve de base para diversos estudos realizados pelos alunos e docentes do Programa de Pós-Graduação em Botânica do Museu Nacional, assim como suporte para os estudos realizados em diversas universidades nacionais e internacionais.



Sala de coleções do Herbário com armários compactadores.

Sala de preparação e processamento de material botânico.



## EQUIPE

### CURADORES

Dr. Ruy José Válka Alves, Prof. Titular, Curador Geral (ruyvalka@mn.ufrj.br)

Me. Vera Lúcia C. Martins, Bióloga, Curadora de Tipos e Curadora Substituta (veramartins@mn.ufrj.br)

Dra. Mariângela Menezes, Prof. Titular, Curadora de Criptógamos (mmenezes@mn.ufrj.br)

Dra. Luci de Senna Valle, Prof. Titular, Curadora de Coleções Históricas (luci@mn.ufrj.br)

### GERENTE DE COLEÇÕES BOTÂNICAS

Dr. Nílber Gonçalves da Silva, (nilber@mn.ufrj.br)

### BIÓLOGA

Ivete Maria da Silva, MSc.

### TÉCNICOS EM LABORATÓRIO/HERBÁRIO

Agnaldo Teixeira de Souza

Caris Mariana N. F. Fernandes

Carolina Moreira Müller

Luiz Carlos Vieira

Margareth Coutinho de Oliveira

Pedro Cesar T. de Souza

Me. Renata Gabrielle P. Santos

Me. Renato Xavier A. Prudêncio

Me. Wellerson Picanço Leite

Abricó-de-macaco, *Couroupita guianensis* Aubl., árvore nativa das matas inundáveis da Amazônia, muito usada em paisagismo na faixa tropical. No horto do Museu há uma alameda bordeada por essas árvores.

# Departamento de Entomologia

A Coleção Entomológica do Museu Nacional se inicia com o Departamento de Entomologia, que embora reconhecido oficialmente como integrante da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1971, tem sua origem em 1842 como um dos setores da Seção de Zoologia, que adquire *status* de Laboratório de Entomologia Geral e Agrícola a partir de 1916. A partir daí grandes nomes da entomologia contribuíram para a formação do acervo do Museu Nacional como: José Cândido, Newton Santos, Dalcy de Oliveira



Expedição de coleta em Pirapora, Minas Gerais, novembro de 1975. Olmiro Roppa, Prof. Miguel A. Monné e Carlos A. C. Seabra.

Albuquerque, Miguel Monné, Johann Becker, Roger Arlé, Janira Costa entre outros, além de grandes coletores como Olmiro Roppa e Haroldo Sandim. A Coleção Entomológica era composta por representantes de diversos grupos de insetos e era uma das maiores e mais importantes da América do Sul. A Coleção abrigava um valioso acervo que representava importante banco de dados sobre a identificação e ocorrência geográfica de insetos e esse material foi acumulado a partir de expedições de coleta, permutas com outras instituições e doações. Uma das grandes doações foi realizada por Carlos A. C. Seabra, com cerca de 1,5 milhão de exemplares de Coleoptera (besouros), Hemiptera (cigarras e percevejos), Hymenoptera (abelhas) e Orthoptera (gafanhotos). Outra grande doação foi a coleção de Diptera da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), contendo exemplares de várias espécies praga, incluindo material tipo, grande parte preservada por se encontrar em edificação não atingida pelo incêndio.

A Coleção Entomológica no Palácio estava depositada em armários compactadores, que abrigavam em torno de 13.000 gavetas entomológicas, laminários e exemplares em vidros com álcool. Até 2018 havia uma estimativa de 12.005.000 exemplares



Besouro *Compsocerus barbicornis*  
Audinet-Serville, 1834 (Ordem  
Coleoptera: Família Cerambycidae)  
depositado na coleção Entomológica  
do MN (MNRJ-ENT7-45433).



*Cavichiana alpina*  
Quintas et al., 2020,  
uma bela espécie  
brasileira de cigarrinha  
(Ordem Hemiptera:  
Família Cicadellidae)  
com parátipos  
depositados na coleção  
do MN (MNRJ-  
ENT3-1678, 1679,  
1680, 1681, 1682).



Besouro *Gymnetis amazona* Ratcliffe, 2018. Parátipos depositados na Coleção Entomológica do MN, que retornaram à coleção após o incêndio (Ordem Coleoptera: Família Scarabaeidae) (da esquerda para a direita: MNRJ-ENT7-41034, 41026, 41031, 41025, 41024, 41030).

depositados na coleção. O incêndio, em dois de setembro de 2018, ocasionou a perda de toda a coleção que estava no Palácio. Porém, uma parte da coleção entomológica que se encontra depositada no prédio Alípio Miranda Ribeiro, conhecido como prédio Anexo, foi totalmente preservada. Ela conta com cerca de 42.000 exemplares da Ordem Diptera com registros digitalizados. A coleção apresentava cerca de 3.000 tipos primários de diversas ordens de insetos e destes, 407 que estavam no prédio Anexo foram preservados. Apesar da perda inestimável de grande parte da coleção, os dados publicados em inúmeras publicações são o testemunho virtual desse material perdido. Em janeiro de 2016 teve início o projeto de digitalização das coleções entomológicas vinculado ao Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SIBBr - <https://ipt.sibbr.gov.br/mnrj/>) que hoje conta com cerca de 117.300 espécimens de insetos disponíveis para

consulta. Além dessa iniciativa, os tipos primários de cerambicídeos (Coleoptera) estão disponíveis online (<http://www.cerambycids.com/brazil/mnrj/>) e projetos paralelos estão sendo desenvolvidos com o intuito de prover mais informações das coleções no formato digital, em especial do material tipo.

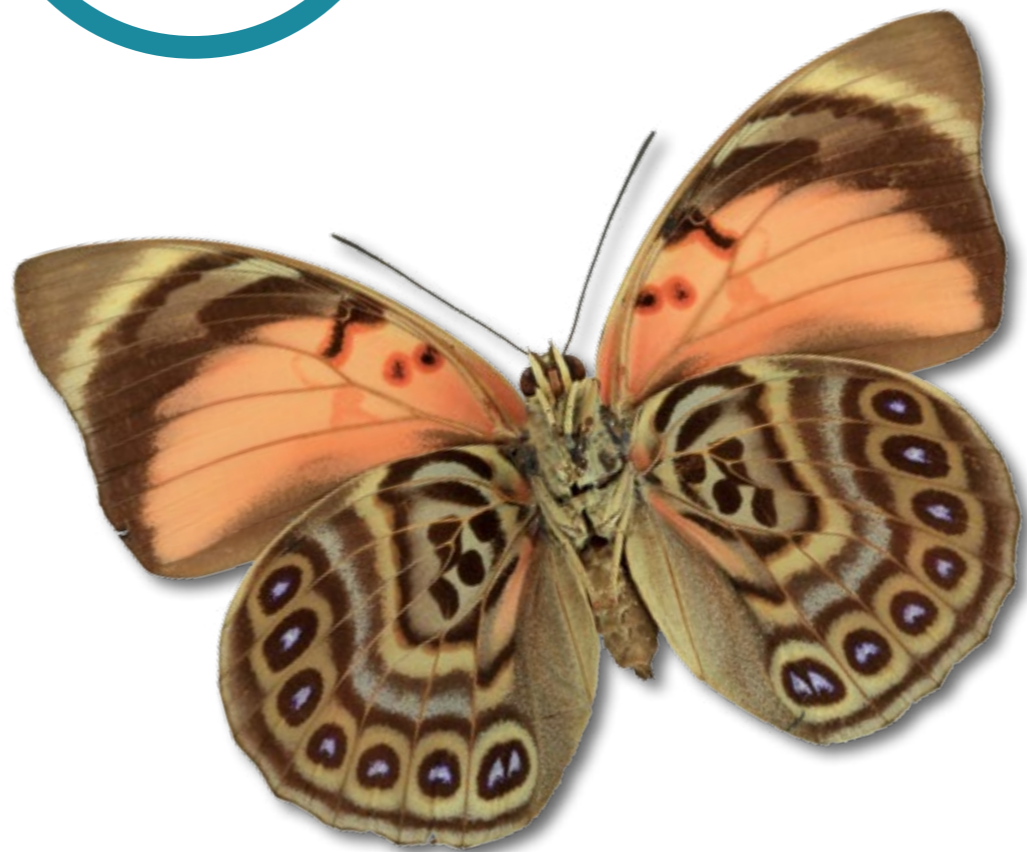
Atualmente, a coleção conta com cerca de 75.000 exemplares, oriundos de coletas, doações e exemplares que não foram afetados pelo incêndio. A coleção está sendo reconstruída por meio de expedições de coleta, com suporte das instituições de fomento, doações de particulares e de instituições parceiras do Museu Nacional/UFRJ. Desta forma, a Coleção Entomológica do Museu Nacional vem sendo reestruturada e já possui capacidade para receber mais doações de acervos científicos, tanto de material conservado a seco como em meio líquido.



Gafanhoto *Digamacris amoena* (Stal, 1878) (Ordem Orthoptera: Família Acrididae), depositado na coleção Entomológica do MN (MNRJ-ENT6-28777).



2



3



1. Holótipo de *Nessaea batesii magniplaga* Röber, 1928, vista dorsal, MNRJ-ENT5-25789.

2. Lectótipo de *Agrias claudia claudianus* f. *eos* Röber, 1925, vista ventral, MNRJ-ENT5-25788.

3. Holótipo de *Morpho absoloni* May, 1924, vista dorsal, MNRJ-ENT5-23757.

4. Holótipo de *Papilio agavus* ab. *aurimaculatus* Clérot, 1922, vista dorsal, MNRJ-ENT5-26902.

## EQUIPE

### CURADORES DOCENTES – SUBFILO HEXAPODA

Dr. Alcimar do Lago Carvalho, Prof. Titular  
(alagoc@acd.ufrj.br)

Dra. Cátia Antunes de Mello Patiu, Profa. Titular  
(canellopatiu@gmail.com)

Dr. Felipe Vivallo (fvivallo@mn.ufrj.br)

Dr. Gabriel Luis Figueira Mejdalani  
(mejdalan@acd.ufrj.br)

Dr. Leonardo H. Gil-Azevedo (lhgazevedo@mn.ufrj.br)

Dra. Marcela L. Monné (mlmonne2@gmail.com)

Dra. Márcia Souto Couri, Profa. Titular  
(courimarcia@gmail.com)

Dra. Maria Cleide de Mendonça  
(cleidecollembola@gmail.com)

Dr. Pedro G. B. Souza-Dias (pedrogdias@gmail.com)

Dra. Sonia M. Lopes Fraga, Profa. Titular  
(sonialfraga@gmail.com)

Dra. Valéria Cid Maia, Profa. Titular  
(maiavcid@acd.ufrj.br)

**GERENTE DE COLEÇÕES** (colentomo@mn.ufrj.br)

Dra. Gabriela Abrantes Jardim (gjardim@mn.ufrj.br)

### TÉCNICA DE COLEÇÕES

Ana Luiza Quijada (analuiza@mn.ufrj.br)

### BIÓLOGOS

Dr. Bernardo J. de A. Mascarenhas (bemas@mn.ufrj.br)

Alexandre Soares (asoares@mn.ufrj.br)

Edivar Heeren de Oliveira (edheeren@mn.ufrj.br)

# Departamento de Invertebrados

Os primeiros acervos das coleções de Invertebrados foram adquiridos ainda na segunda metade do século XIX, com lotes de Mollusca (caracóis, bivalves, polvos e lulas) e Crustacea (caranguejos e camarões), principalmente como parte das atividades realizadas por naturalistas ativos nos gabinetes da Seção de Zoologia do Museu Nacional. A partir do século XX, e com a contratação de especialistas, as coleções começaram a receber numeração própria e foram individualizadas. Sendo assim, foram criadas as coleções de Arachnida (aranhas e escorpiões), com a contratação do Prof. Cândido F. Mello-Leitão em 1931; Mollusca, uma das maiores, com início de catalogação na década de 1940 por Emanuel de Azevedo Martins e posterior ampliação pelo Prof. Arnaldo C. dos Santos Coelho; e Crustacea, com primeiros lotes publicados pelo zoólogo Carlos Moreira (1900), com posterior ampliação e criação do setor pelo Prof. Alceu Lemos de Castro (1945). Na segunda metade do século XX, foram criadas as demais



*Corona ribeiroi*, holótipo MNRJmoll 3444. Gastrópode terrestre coletado durante a Comissão Rondon (1907-1915) e descrito por Hermann von Ihering em 1915. Exemplar foi salvo no dia do incêndio e preservado na coleção.

coleções como: Echinodermata (estrelas-do-mar, ouriços); Cnidaria (água-viva, corais); Porifera (esponjas), uma das maiores das Américas; Polychaeta (minhocas marinhas); e Invertebrados Outros (Ascidiacea, Brachiopoda, Bryozoa etc.). Somente em 1971, o Departamento de Invertebrados (DI) foi reconhecido oficialmente no organograma do Museu Nacional/UFRJ. Antes do incêndio, as coleções do DI possuíam



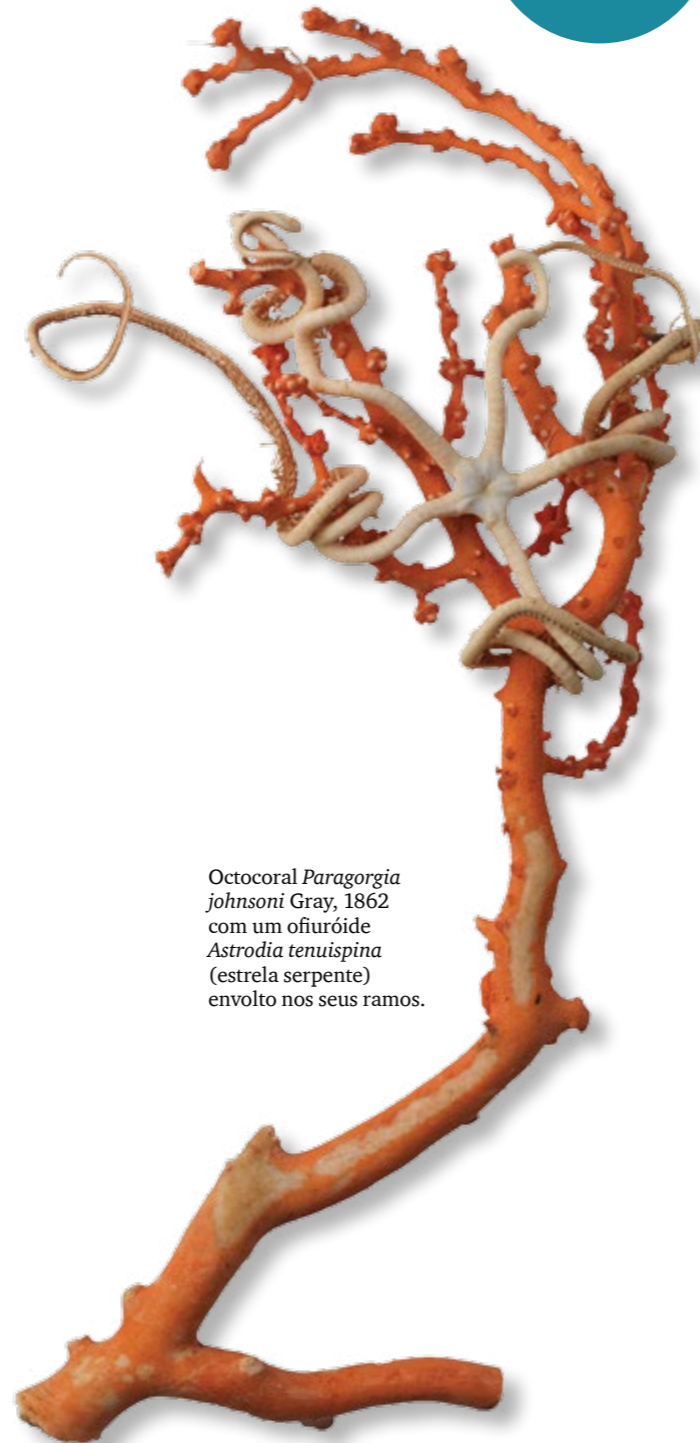
1. Nudibrânquio *Felimare juliae* (DaCosta et al, 2010), holótipo, MNRJmoll 10940.

2. Gastrópode *Gyrineum perca* (Perry, 1811), MNRJmoll 41930. (recuperado no resgate de acervos)

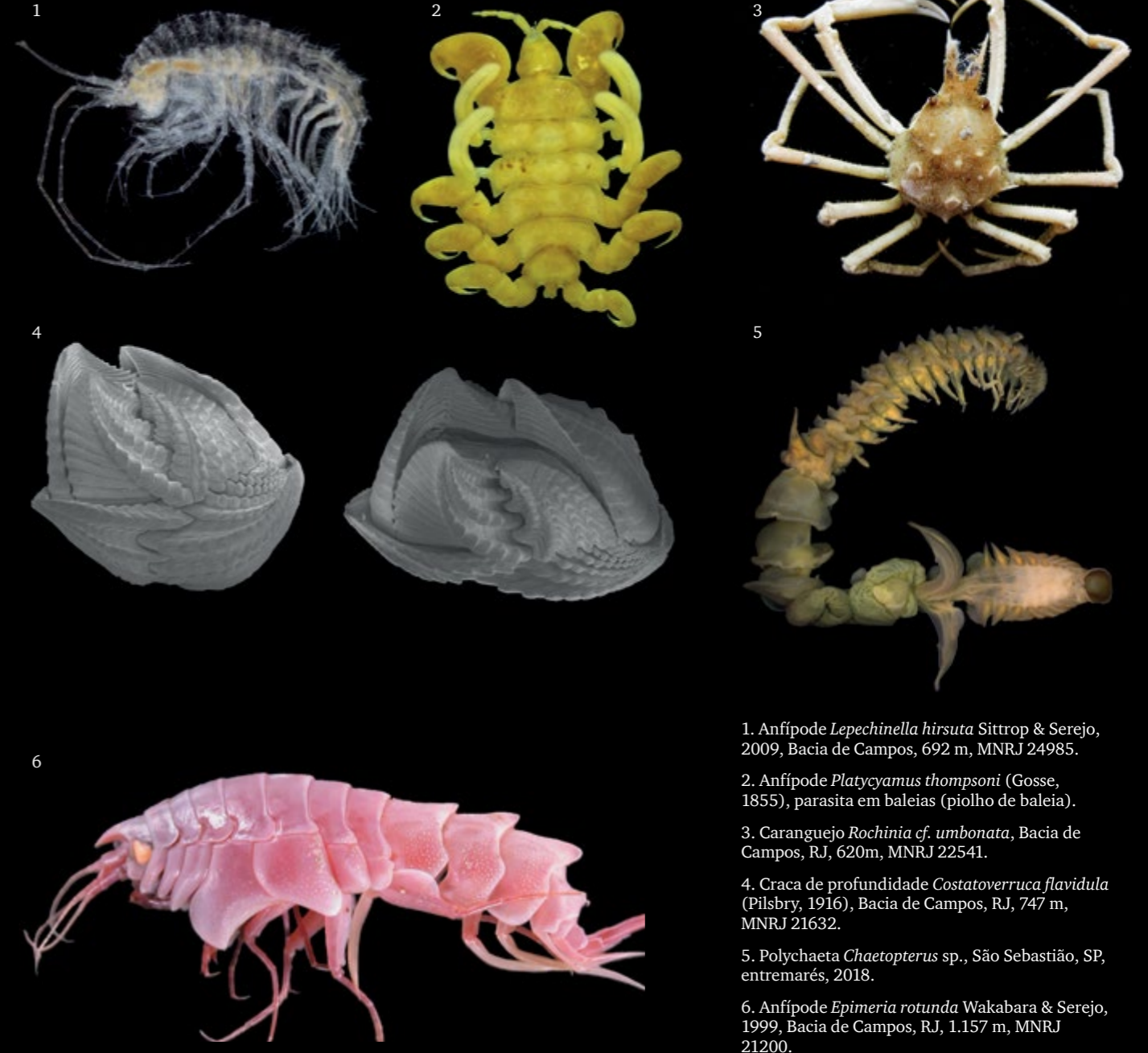
3. Esponja *Hyalonema conqueror* Tabachnick et al, 2009, holótipo, MNRJ 10093.

4. Polychaeta (minhoca marinha) *Aphrodita* sp., Angra dos Reis, 1974, 38m, MNRJP 305.

cerca de um milhão de espécimes, em aproximadamente 150.000 lotes, incluindo material com e sem registros “backlog”. Dentre as coleções do DI, as mais severamente atingidas pelo incêndio de 2018 foram as de Arachnida e Mollusca, que estavam localizadas no palácio. A coleção de Arachnida foi quase completamente destruída, exceto por lotes em empréstimo, enquanto a de Mollusca teve 749 lotes de material tipo salvo durante o incêndio, e cerca de 1.800 lotes recuperados através do trabalho de resgate de acervos do Museu Nacional. As coleções de Crustacea e Echinodermata perderam lotes que estavam em estudo nos respectivos laboratórios no palácio, incluindo material tipo (Crustacea). Ao todo, estima-se que 50% das coleções do departamento foi perdida ou afetada pelo incêndio. Contudo, a *Sala de Coleções Paulo S. Young*, localizada no prédio anexo ao palácio e que abriga as demais coleções do departamento, não foi atingida. Os curadores das coleções mais afetadas têm intensificado as atividades de campo visando coleta de exemplares, bem como o intercâmbio com instituições colaboradoras para recebimento de doações de material visando a recomposição do acervo. O Departamento de Invertebrados é um centro de referência no Brasil e no mundo, e suas coleções são parte fundamental da infraestrutura de pesquisa em diversidade,



Octocoral *Paragorgia johnsoni* Gray, 1862 com um ofiuróide *Astrodia tenuispina* (estrela serpente) envolto nos seus ramos.



1. Anfípode *Lepechinella hirsuta* Sittrop & Serejo, 2009, Bacia de Campos, 692 m, MNRJ 24985.
2. Anfípode *Platycyamus thompsoni* (Gosse, 1855), parasita em baleias (piolho de baleia).
3. Caranguejo *Rochinia cf. umbonata*, Bacia de Campos, RJ, 620m, MNRJ 22541.
4. Craca de profundidade *Costatoverruca flavidula* (Pilsbry, 1916), Bacia de Campos, RJ, 747 m, MNRJ 21632.
5. Polychaeta *Chaetopterus* sp., São Sebastião, SP, entremarés, 2018.
6. Anfípode *Epimeria rotunda* Wakabara & Serejo, 1999, Bacia de Campos, RJ, 1.157 m, MNRJ 21200.



Opilíão *Phalangium punctipes* (L. Koch, 1879), macho, Crimeia, Federação Russa, MNRJ 2731. Material proveniente de permuta com Aleksey Chemeris em 2017.

evolução morfológica e molecular, conservação e ecologia de invertebrados. O crescimento e qualificação das coleções estão diretamente associados à formação de mestres e doutores, especialmente através do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Zoologia) da UFRJ, sediado no Museu Nacional. Tais coleções são testemunho da diversidade passada e presente, e contribuem para o entendimento da diversidade ambiental (ecossistemas), de mudanças no ambiente (desmatamento, eutrofização, assoreamento), e a projeção de mudanças futuras (aquecimento global). Um dos destaques das coleções do DI é a representatividade de material proveniente do mar profundo de diferentes filos, incluindo diversas espécies novas, que foi incorporado aos acervos majoritariamente a partir dos anos 2000, como resultado de expedições oceanográficas (REVIZEE – Projeto Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva) e projetos de caracterização ambiental, principalmente aqueles promovidos pela PETROBRAS. É importante ressaltar que todas as coleções do DI estavam informatizadas antes do incêndio, o que significa que os metadados (identificação, procedência, data, coletor) sobre o material tombado foi preservado. Nesse sentido, os servidores do DI vêm investindo na gestão e acessibilidade digital dos dados das coleções, o que confere segurança e estrutura para que os mesmos possam ser disponibilizados corretamente a outros pesquisadores e à sociedade.

## EQUIPE

### ARACNOLOGIA

#### CURADOR

Dr. Adriano Brilhante Kury, Prof. Titular  
(adrianok@gmail.com)

### CARCINOLOGIA

#### CURADORAS

Dra. Cristiana S. Serejo (csserejo@acd.ufrj.br)  
Dra. Irene A. Cardoso (irenecardoso@mn.ufrj.br)

### CELENTEROLOGIA

#### CURADORA/GERENTE DE COLEÇÕES

Dra. Julianna Freires Barbosa  
(julianna.freires@mn.ufrj.br)

### ECHINODERMATA

#### CURADOR

Dr. Carlos Renato R. Ventura (ventura@acd.ufrj.br)

### MOLLUSCA

#### CURADORES

Dr. Alexandre Dias Pimenta (alexpim@mn.ufrj.br)  
Dr. Vinicius Padula (padula@mn.ufrj.br)

### POLYCHAETA

#### CURADORA

Dra. Joana Zanol  
(joanazanol@mn.ufrj.br; colecpoly@mn.ufrj.br)

### PORIFERA

#### CURADORES

Dr. Eduardo Carlos M. Hajdu  
(eduardo.hajdu@gmail.com)  
Dr. Guilherme R. S. Muricy (muricy@mn.ufrj.br)

## INVERTEBRADOS OUTROS

(Ascidiacea, Brachiopoda, Bryozoa, Echiura, Nematoda, Nematomorpha, Nemertea, Platyhelminthes, Sipuncula e Tardigrada)

#### CURADOR

Dr. Guilherme R. S. Muricy (muricy@mn.ufrj.br)

## PROFESSORES E COLABORADORES

### APOSENTADOS

Dr. Clóvis Barreira e Castro, Prof. Titular  
(clovis.castro@mn.ufrj.br)  
Dra. Débora de Oliveira Pires, Prof. Titular  
(debora.pires@mn.ufrj.br)

### BIÓLOGA

Dra. Lilian Cardoso (lilian.cardoso@mn.ufrj.br)

## TÉCNICOS DA COLEÇÃO

Alexia de Andrade Granado  
(granadoalexia@mn.ufrj.br)  
Camila Messias (camila.messias@mn.ufrj.br)  
Carla Martinho de Lima Barros  
(carlamlbarros@gmail.com)  
Claudio José Fernandes da Costa  
(claudiocosta@mn.ufrj.br)

## SECRETARIADO

Nazaré Rezende (nazare@mn.ufrj.br)



# Departamento de Vertebrados

O Departamento de Vertebrados detém um dos maiores acervos científicos sobre a biodiversidade neotropical, constituindo-se num centro de referência internacional. Suas coleções foram iniciadas ainda na segunda metade do século XIX, abrangendo atualmente mais de meio milhão de espécimes, e são parte fundamental da infraestrutura de pesquisa em diversidade e evolução molecular e

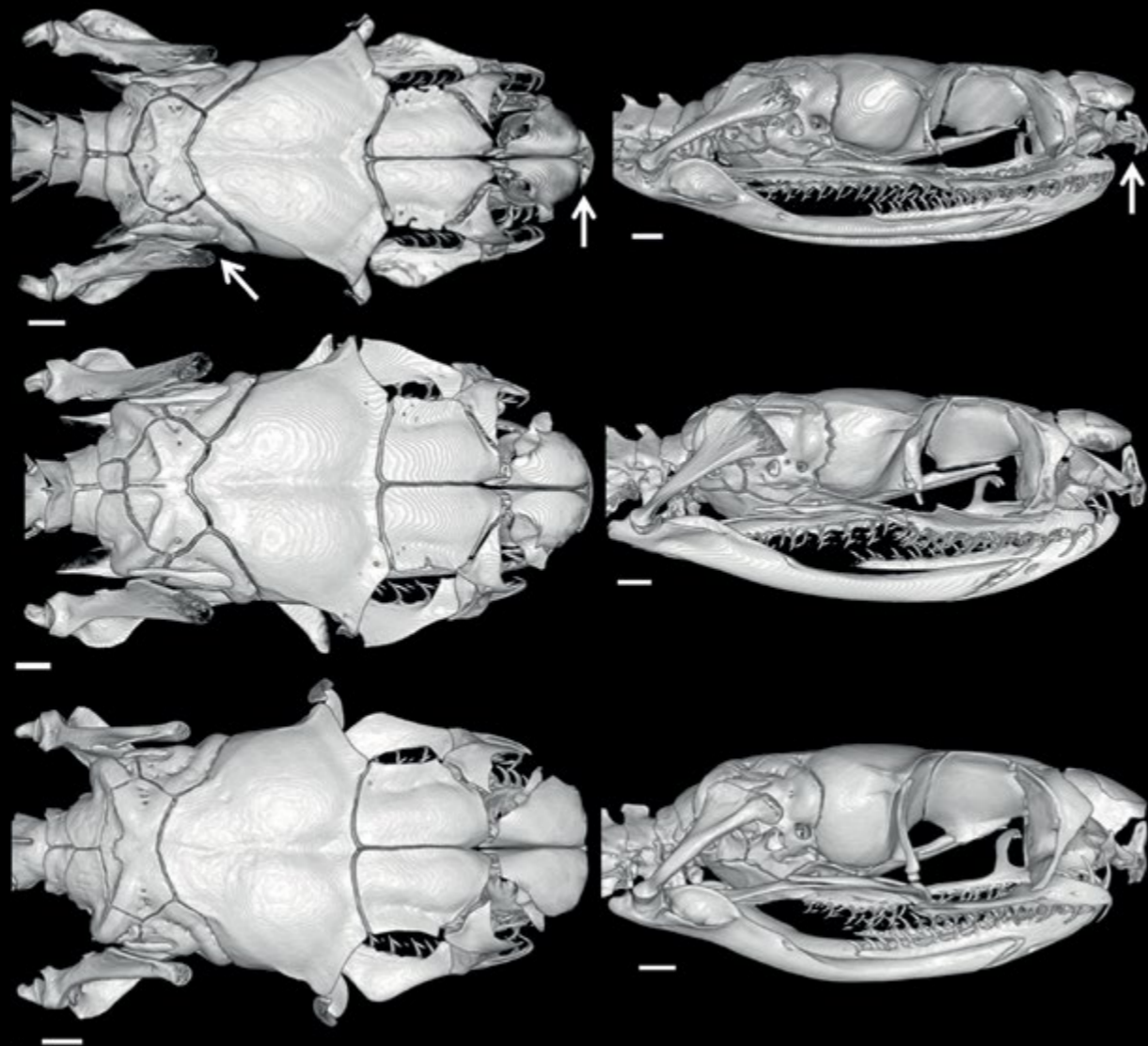
Peixe-cachorra, *Rhaphiodon vulpinus* Spix & Agassiz, 1829, MNRJ 207, coletado durante a Comissão Rondon (1907-1915).



morfológica de vertebrados, associada à pós-graduação, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Zoologia) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sediado no Museu Nacional. As pesquisas em andamento contam com o apoio de laboratórios de radiografia computadorizada e diversidade molecular, e várias parcerias internacionais. Inclui material de inestimável valor científico e histórico, como espécies extintas da natureza, ou de regiões alteradas pela ação humana. Já em 1870, espécimes de vertebrados eram apresentados ao público no andar principal da exposição de Zoologia, montada na sede original do Museu Nacional, no Campo de Santana, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Com a mudança do Museu Nacional para o palácio da Quinta da Boa Vista e o envolvimento de cientistas brasileiros e estrangeiros, o acervo passou a crescer exponencialmente, incluindo importante material proveniente da “Comissão de linhas telegraphicas estratégicas do Matto Grosso ao Amazonas” (“Comissão Rondon”), que durou de 1907 a 1915. No século XX, atuaram em seu quadro cientistas ilustres como Alípio de Miranda Ribeiro, Antenor Carvalho, Bertha Lutz, Emilie Snethlage, Helmut Sick e João Moojen e que muito contribuíram para a formação das coleções do Museu.

Jacaré-do-papo-amarelo, *Caiman latirostris* (Daudin, 1802), MNRJ 14173, 1,36 metros comprimento.





Microtomografias de alta resolução exibindo as vistas dorsal (lado esquerdo) e lateral (lado direito) dos crânios de espécies de Dormideiras (serpentes malacófagas da família Dipsadidae) da Mata Atlântica. Acima, holótipo de *Dipsas "jararaca"* sp. nov. (MNRJ 26377); ao centro, exemplar de *Dipsas alternans* (MNRJ 19595); abaixo holótipo de *Dipsas sazimai* (MNRJ 15136). Barra de escala = 1 milímetro. \* O nome da espécie nova é fantasia pois o trabalho com a publicação desta espécie ainda não foi publicado formalmente até a data de impressão deste material

A partir da metade da década de 1990, as coleções de Vertebrados foram acomodadas em edificação própria, com vistas a garantir a integridade de um patrimônio de valor incalculável e a perpetuação de um centro de pesquisas responsável por significativa produção científica e pela formação de pessoal especializado, o que levou a um crescimento ainda mais expressivo deste acervo. Atualmente, seu quadro funcional conta com vinte e cinco servidores entre docentes e técnico-administrativos desenvolvendo constantemente pesquisas com seus estudantes no Brasil e no exterior. O acervo e as linhas de pesquisa do Departamento se dividem em quatro setores:

O Setor de Herpetologia apresenta uma coleção de cerca de 90 mil exemplares de anfíbios e 30 mil répteis, uma das maiores do mundo quanto a herpetofauna neotropical, e é uma das coleções mais consultadas da América Latina. Inclui a Coleção Adolpho Lutz (AL-MN) que possui cerca de 65 espécies nominais de anfíbios (majoritariamente) e répteis. Com um catálogo completamente informatizado e uma das primeiras bases de dados em biodiversidade a adotar o padrão WWW, o Setor de Ictiologia tem um acervo de aproximadamente 600 mil exemplares de peixes das principais bacias hidrográficas do Brasil, organizados em mais

de 50 mil lotes. O Setor de Ornitologia tem a coleção mais representativa da diversidade de aves do país. Apresenta cerca de 50 mil exemplares taxidermizados, compreendendo representantes de todos os biomas brasileiros, além de espécimes em meio líquido, ninhos, ovos e esqueletos. Já o Setor de Mastozoologia tem a maior coleção de mamíferos da América Latina. Estão incluídos mais de 80 mil espécimes, com destaque para o material das décadas de 1940 e 1950 a partir do empenho de João Moojen de Oliveira em projetos associados ao controle de endemias, constituindo os maiores e mais bem documentados levantamentos de mastofauna em território nacional.



Setor de Mastozoologia:  
Armários com espécimes  
da coleção de peles  
(março/2019). O setor  
inclui a maior coleção de  
mamíferos da América  
Latina, com mais de  
80 mil espécimes  
registrados.

## EQUIPE

### HERPETOLOGIA

#### CURADOR

Dr. Ulisses Caramaschi, Prof. Titular  
(anfíbios; ulisses@acd.ufrj.br)

Dr. José Perez Pombal Júnior, Prof. Titular  
(anfíbios; pombal@acd.ufrj.br)

Dr. Ronaldo Fernandes  
(répteis; ronfernandes@mn.ufrj.br)

Dr. Paulo Gustavo Homem Passos  
(répteis; ppassos@mn.ufrj.br)

### BIÓLOGOS

Dr. Pedro Henrique Moreira de Sousa Pinna  
(pedropinna@mn.ufrj.br)

Dra. Manoela Woitovicz Cardoso  
(manoela@mn.ufrj.br)

### TÉCNICO DE LABORATÓRIO

Dr. Marcelo de Araújo Soares (msoares@acd.ufrj.br)

### ICTIOLOGIA

#### CURADOR

Dr. Paulo Andreas Backup (backup@acd.ufrj.br)

Dr. Marcelo Ribeiro de Britto (mrbritto@mn.ufrj.br)

Dr. Cristiano Luis Rangel Moreira  
(moreira.c.r@mn.ufrj.br)

### GERENTE DE COLEÇÕES

Dra. Mariane Targino Rocha  
(marianetargino@mn.ufrj.br)

### BIÓLOGO

Décio Ferreira de Moraes Júnior  
(deciomuseunacional@gmail.com)

### ORNITOLOGIA

#### CURADOR

Dr. Dante Luiz Martins Teixeira, Prof. Titular  
(dmteixeira@mn.ufrj.br)

Dr. Marcos André Raposo Ferreira  
(raposo@mn.ufrj.br)

### TAXIDERMISTA

Carlos Augusto Caetano (crmn@mn.ufrj.br)

Me. Tomas Gonçalves Capdeville (tomas@mn.ufrj.br)

### MASTOZOLOGIA

#### CURADOR

Dr. Luiz Flamarion Barbosa de Oliveira  
(lfbolive@mn.ufrj.br)

Dr. João Alves de Oliveira, Prof. Titular  
(jaoliv@mn.ufrj.br)

Dr. Leandro de Oliveira Salles (losalles@mn.ufrj.br)

Dr. Marcelo Weksler, Prof. Titular

(mweksler@mn.ufrj.br)

### TÉCNICO DE LABORATÓRIO

Luiz Augusto Caetano  
(luizinhocaetano@hotmail.com)

### TAXIDERMISTA

Sergio Maia Vaz (smvaz@mn.ufrj.br)

Me. Carlos Rodrigues de Moraes Neto  
(crmn@mn.ufrj.br)

### SECRETARIADO

Odete da Trindade do Nascimento  
(odettn@mn.ufrj.br)

Cesar Augusto dos Santos Ferreira  
(Recepcionista, cezinha02@hotmail.com)

# O que os acervos de História Natural do Museu Nacional podem nos dizer?

O incêndio de 2 de setembro de 2018 foi uma tragédia não só para o Rio, ou para o Brasil, mas para todo o mundo. A perda das exposições e coleções alojadas no Museu Nacional e os danos ao próprio Palácio foram sentidos em todo o mundo. Parecia visceral. Tendo visitado o esqueleto do Palácio no final do processo de resgate e visto a escadaria subindo para lugar nenhum, o único espécime restante - o meteoro Bendegó, e de ter encontrado as pessoas que trabalharam no resgate, eu tenho uma pequena noção do que isso significa para aqueles mais intimamente associados ao Museu. Felizmente nem tudo foi perdido. Algumas partes da coleção foram salvas do prédio em chamas e, felizmente, outras estavam alojadas em outro lugar. O que mais me impressionou no tempo que passei trabalhando com a equipe do Museu Nacional foi sua resiliência e determinação para reconstruir.

A importância dessas coleções e a necessidade de reconstruí-las não podem ser subestimadas. O Brasil é um país-chave para o acesso à biodiversidade com sua incrível gama de habitats que precisam ser registrados e estudados. As coleções de história natural são vitais para nossa compreensão do mundo natural e das interações da humanidade com ele, das quais todos dependemos. Em um plano básico, essas coleções possuem espécimes que nos permitem organizar e pesquisar a gama de espécies na Terra; como essas espécies diferem e interagem umas com as outras; suas relações com o habitat e ecossistemas ambientais, como isso muda com o tempo e como o impacto humano afeta todo o planeta. Em um nível mais complexo, as coleções de história natural são um recurso para nossas ambições de mudança social fornecendo *big data* para modelagem das mudanças climáticas, sustentabilidade alimentar e saúde humana. Juntas, as



Visita dos representantes do Natural History Museum, Londres (NHM) no palácio da Quinta da Boa Vista – Museu Nacional (MNRJ) em agosto, 2019. Da esquerda para direita: Brad Irwin (NHM); Vincent Smith (NHM); Michael Dixon (Diretor, HNM); Clare Valentine (NHM); Cristiana Serejo (MN) e Murilo Bastos (MN).

coleções de história natural em museus e universidades ao redor do mundo se constroem em um repositório global de bio e geodiversidade ao longo do tempo e do espaço, que evidenciam a taxa de mudança global. O Brasil precisa continuar a fazer parte do cenário global!

Desejo a equipe do Museu Nacional todo o sucesso na reconstrução de suas coleções. Conhecendo o grupo de pessoas surpreendente que eles são, não tenho dúvidas de seu sucesso!

**MSc Clare Valentine**  
**Chefe de Coleções de Ciências da Vida**  
**Museu de História Natural, Londres**

# O British Council Brasil como parceiro

Desde 1818, o Museu Nacional tem sido um importante precursor na pesquisa das ciências naturais e da antropologia no Brasil, e uma instituição altamente respeitada internacionalmente. Como o país abriga cerca de 20% da biodiversidade mundial, o museu – na realidade, uma das instituições de pesquisas científicas mais importantes do Brasil – desempenha um papel decisivo no entendimento que temos sobre a história da rica biodiversidade presente dentro das fronteiras do país.

O trágico incêndio do prédio principal na Quinta da Boa Vista em setembro de 2018 colocou em evidência a importância de uma colaboração internacional. Acadêmicos e instituições do Reino Unido estiveram entre os primeiros a expressar sua solidariedade e desejo em colaborar assim que a diretoria do Museu Nacional começou o árduo processo de reconstrução.



Oportunamente, o museu foi proativo na digitalização de seu amplo acervo durante muitos anos. Quando o fogo atingiu cerca de 85% de suas coleções, os pesquisadores do museu já tinham catalogado não menos do que 306.000 registros de espécimes no formato digital, em muitos casos com provas fotográficas.



Londres para darem início à colaboração em gerenciamento, digitalização de dados de coleções e planejamento de espaços de guarda de acervos ao longo dos próximos cinco anos. Desejamos todo o sucesso para essa colaboração no futuro.

**Martin Dowle,**  
**Diretor British Council Brasil**

Com o objetivo de compartilhar experiências e conhecimentos técnicos na área de digitalização de acervo, o Museu de História Natural de Londres – com uma das maiores coleções do mundo, com 80 milhões de espécimes – e o Museu Nacional assinaram então, em agosto de 2019, um memorando de entendimento com o Museu Nacional no 1º Workshop Col Digi – As coleções de História Natural e Antropologia na Era Digital.

O Conselho Britânico teve o prazer de desempenhar o papel de financiador não apenas do Workshop Col Digi, mas também do evento Coll Plan – Planejamento dos Espaços de Guarda em Museus realizado em março de 2020 no Rio de Janeiro. Tais eventos aproximaram profissionais do Museu Nacional e do Museu de História Natural de

# Palavra do Diretor

Coleções - por que espécimes originais são tão importantes?

Não há outra maneira de dizer isso: o incêndio do Museu Nacional/UFRJ em 2 de setembro de 2018 é, sem dúvida, a pior tragédia que já aconteceu na arena científica e cultural do Brasil, tendo transcendido as fronteiras do país. Todos ficaram surpresos com o fato de uma das dez maiores economias do mundo deixar seu principal museu de história natural e antropologia, com cerca de 20 milhões de itens, sem apoio por décadas, apesar dos vários avisos emitidos por diretores e cientistas. Ainda dói só de pensar nisso...

Por outro lado, o apoio que o Museu recebeu nesses quase dois anos após a tragédia acalentou nossos corações e nos manteve vivos. Agora estamos na direção certa de reconstruir a instituição científica mais antiga do Brasil, que também é o primeiro museu fundado no país. Desde 6 de junho de 1818, o Museu Nacional inspirou a criação de outras instituições científicas e museus, ajudando por meio de seus programas de



pós-graduação e pesquisadores, a promover a ciência e a cultura em território nacional e em outros lugares da América do Sul.

*Qual é o maior desafio?* Essa é a pergunta que mais me é feita sobre os esforços de reconstrução. Talvez a maioria das pessoas responda imediatamente: dinheiro! Eu posso entender por que essa seja a resposta mais óbvia para alguns – se não fosse por falta de recursos financeiros, não estaríamos na situação difícil na qual nos encontramos.

Mas não. Este não é o principal desafio que estamos enfrentando. Reconstruir as coleções é a nossa preocupação central. Eu apontei isso imediatamente durante os dias após o incêndio. Esse é de longe o principal problema que me mantém acordado à noite. Não que eu não veja a óbvia crise financeira em todo o mundo causada pelo COVID-19, que acabou de chegar e certamente não facilitará os trabalhos.

Várias instituições, principalmente de fora do país, ofereceram moldes e reconstruções digitais. Outros sinalizaram com empréstimos. Embora essas ofertas sejam certamente bem-intencionadas e, em alguns casos, talvez o único caminho possível por razões legais, o fato é que isso não nos levará muito longe.

Não tem como contornar essa situação: **precisamos de material original!**

Eu poderia continuar eternamente falando sobre este tópico, mas vou resumir uma longa história: o Museu Britânico não seria o Museu Britânico se não fosse pelas coleções! Posso dizer o mesmo sobre quase todos os grandes museus do mundo. É o material original que tem a mágica de capturar o interesse do visitante de um museu de história natural e antropologia! É a contextualização desses itens que nos ajuda a explicar por que o mundo é do jeito que é. Além disso, nenhum museu é capaz de competir com a Disneylândia – onde robótica e criaturas fictícias maravilham crianças e pais! Como eu gosto de dizer – para fantasias, Mickey e sua turma são imbatíveis. Mas, se alguém quiser ver os espécimes sobre os quais a ciência é construída, especialmente com relação à história natural, o único lugar são os museus. Nada de errado com os parques temáticos – apenas os propósitos são diferentes.

Apesar das óbvias dificuldades em relação às coleções, fizemos alguns progressos importantes. Em nível nacional, recebemos várias doações de instituições oficiais e colecionadores particulares, principalmente de espécimes relacionados à biodiversidade e artefatos brasileiros, material esse que nos

ajudará em nossas pesquisas e exposições. Também estamos buscando garantir recursos financeiros para a preparação e montagem de espécimes que nos foram oferecidos como doações. Da mesma forma, procuramos conseguir reunir as condições necessárias para poder restaurar os itens que recuperamos dos escombros do palácio. São exemplares maravilhosos e raros, difíceis de serem obtidos.

Internacionalmente, já recebemos promessas de doações de importantes museus europeus e alguns da China. O ato mais auspicioso em relação às coleções foi realizado por 26 instituições científicas e culturais alemãs em uma carta aberta publicada pela Embaixada da Alemanha em Brasília. Eles se comprometeram a ajudar o Museu Nacional em sua atividade de reconstrução, incluindo a provisão para recuperação das coleções do museu. A primeira doação internacional efetiva de material original foi feita pelo *Universalmuseum Joanneum* de Graz, Áustria. Foram doadas 197 peças etnográficas de tribos indígenas da região amazônica que faziam parte da coleção de Lukesch. Temos certeza de que essa iniciativa particularmente importante será seguida por outras instituições internacionais nos próximos anos.

Porém, como já destaquei anteriormente, a nossa instituição precisa merecer esses novos itens! E a única maneira de convencer outros a doar material original, que certamente são caros para eles, é reconstruindo um palácio com as melhores medidas de segurança para as pessoas – aqui significando visitantes e funcionários – e para o novo acervo, fazendo com que uma tragédia como a de 2 de setembro de 2018 nunca mais se repita. Fico feliz em informar que estamos fazendo um progresso considerável nessa direção.

Cabe salientar que a reconstrução do Museu Nacional se tornou uma oportunidade para tornar essa instituição novamente um modelo para outras no país e na América do Sul. Uma oportunidade que não deve ser desperdiçada. Para cumpri-la, precisamos de ajuda internacional, especialmente no que tange aos itens mais preciosos de qualquer museu: objetos originais em suas exposições e coleções! A reconstrução do Museu Nacional pode mostrar, na prática, como instituições culturais e científicas podem trabalhar em conjunto para alcançar um objetivo esplêndido, que vai fazer grande diferença neste canto do mundo.

**Alexander W. A. Kellner**  
Diretor



## COLABORADORES

### Revisão Geral

Fabiano Richard Leite Faulstich  
Luiz Fernando Dias Duarte

### Biblioteca Central

Leandra Pereira de Oliveira

### Biblioteca Francisca Keller

Adriana da Silva Ornellas  
Carlos Fausto  
Dulce Maranhã Paes de Carvalô

### SEMEAR - Seção de Memória e Arquivo

Gustavo Alves Cardoso Moreira  
Jorge Dias da Silva Júnior

### CELIN - Centro de Documentação de Línguas Indígenas

Marília Lopes da Costa Facó Soares

### SEMU - Seção de Museologia

Amanda Thomaz Cavalcanti  
Fernanda Pires Santos  
Paulo Victor Catharino Gitsin  
Thereza Baumann Zavataro

### SAE - Seção de Assistência ao Ensino

Fernando Coreixas de Moraes  
Igor Fernandes Rodrigues  
Sheila Nicolas Villas Boas

### Antropologia Biológica

Claudia Rodrigues Carvalho  
Ricardo Ventura Santos  
Sílvia Reis

### Arqueologia

Marcos André Torres de Souza  
Mario Junior Alves Polo  
Rita Scheel-Ybert

### Etnologia

Antônio Carlos de Souza Lima  
Crenivaldo Regis Veloso Junior  
João Pacheco de Oliveira  
Michele de Barcelos  
Paula de Aguiar Silva Azevedo  
Rachel Correa Lima  
Renata Curcio Valente

### Geologia e Paleontologia

Luciana Barbosa de Carvalho  
Sarah Siqueira

### Botânica

Mariângela Menezes  
Nílber Gonçalves da Silva  
Renato Xavier Araújo Prudêncio  
Ruy José Válka Alves  
Vera Lúcia C. Martins  
Wellerson Picanço Leite

### Entomologia

Alcimar L. Carvalho  
Alexandre Soares  
Catia A. M. Patiu  
Gabriel L. Mejdalani  
Gabriela A. Jardim  
Leonardo H. Gil-Azevedo  
Marcela L. Monné  
Marcia S. Couri  
Pedro G. B. Souza-Dias  
Sonia M. Lopes Fraga  
Valéria Cid Maia

### Invertebrados

Adriano B. Kury  
Alexandre Dias Pimenta  
Clóvis Barreira e Castro  
Cristiana S. Serejo  
Débora de Oliveria Pires  
Eduardo Carlos M. Hajdu  
Joana Zanol  
Vinicius Padula

### Vertebrados

Marcelo Ribeiro de Britto  
Mariane Targino Rocha  
Paulo Gustavo Homem Passos

### O que os acervos de História Natural do Museu Nacional podem nos dizer?

Tradução: Cristiana S. Serejo